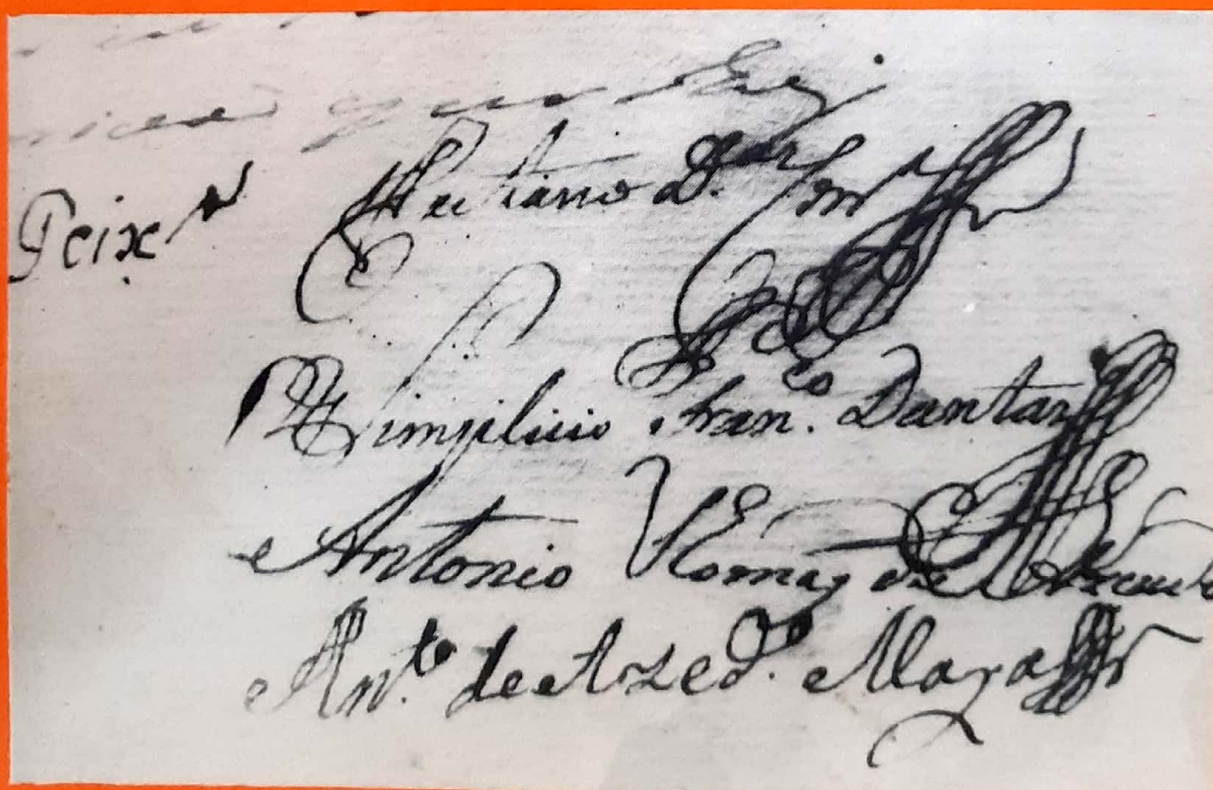


DOM JOSÉ ADELINO DANTAS



O CORONEL DE MILÍCIAS CAETANO DANTAS CORREIA

(Ao ensejo dos 180 anos de sua morte)
UM INVENTÁRIO REVELANDO UM HOMEM



UM INVENTÁRIO REVELANDO UM HOMEM

À memória de José de Azevedo Dantas,
nascido e criado nas pedras do Xique-Xique,
o auto-didata inteligente e culto,
jornalista, pesquisador, desenhista, cronista
e cientista,
que tanto honrou e elevou o nome
de Carnaúba dos Dantas.

* * *

À imperecível memória de meus pais, Antônio Adelino
Dantas e Jovelina de Oliveira Dantas, galhos fecundos
que me fizeram prender aos troncos dos Dantas e dos
Azevedos.

* * *

Ao Exmo. Sr. Governador Tarcísio Maia, que se dispôs
generosamente a patrocinar a publicação deste opúsculo.

* * *

Ao Povo irmão de Carnaúba dos Dantas, descendente,
como eu, dos mesmos patriarcas sertanejos, e que me
acolhe nas últimas décadas de minha vida.

* * *

Ao querido amigo, Olavo de Medeiros Filho, que comigo
partilhou dos labores desta pesquisa.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Em, princípios deste ano, em companhia do escritor Jayme da Nobrega Santa Rosa, visitei o 1.º Cartório da cidade do Acari, levado pela curiosidade de verificar a possível existência de alguns inventários relativos aos antigos povoadores da região.

Tais documentos poderiam fornecer dados fidedignos, de grande interesse para os eventuais pesquisadores que pretendessem desvendar e revelar aspectos do nosso passado regional.

A presença, naquele cartório, de dezenas de inventários dos séculos XVIII e XIX, excedeu à expectativa mais otimista. Dentre tais documentos, deparei-me com o inventário do Coronel de Milícias CAETANO DANTAS CORREIA, processado no ano de 1798, na antiga Vila do Príncipe, atual cidade do Caicó.

Foi, então, que me veio à lembrança o nome da pessoa indicada para melhor aproveitar aquele material inédito: a figura, conhecida em todo o Seridó, de D. José Adelino Dantas, descendente daquele Patriarca, devotado Bispo, educador e amante das mais caras tradições seridoenses...

Fiz-lhe um apelo nesse sentido. D. Adelino, apesar das suas variadas obrigações cotidianas, desenvolvidas em Carnaúba dos Dantas e no Caicó, accedeu em preparar um trabalho sobre o tema de sua predileção; mas, com a condição de que eu também colaborasse com o meu quinhão para a elaboração da obra.

Há tempos, vinha eu juntando material para escrever alguns artigos sobre a pessoa do Patriarca dos Picos de Ci-

ma. Tais trabalhos inéditos foram entregues a D. Adelino, que fez questão de incluí-los no presente volume.

Segundo espero, minha modesta contribuição virá complementar o que tão bem já foi escrito e comentado pelo nosso querido Bispo.

Os assuntos tratados no presente livro dizem respeito à personalidade do fundador da numerosa família DANTAS do Seridó, interessando, mais de perto, aos seus descendentes também distribuídos sob outros nomes de família, como é o caso dos AZEVEDO MAIA, dos GOMES DA SILVA, dos BATISTAS (da Timbaúba).

A descendência de Caetano Dantas Correia, através de 223 anos de fecunda proliferação, encheu de milhares de indivíduos a região que lhe serviu de berço, espalhando-se depois pelos mais variados rincões pátrios.

Na referida descendência, encontramos nomes representativos da nossa vida social, econômica, religiosa, educacional e política. A simples título de curiosidade, constata-se que nada menos de cinco descendentes do Patriarca ocuparam o Governo do Estado: os ex-Governadores José Augusto Bezerra de Medeiros, Dinarte de Medeiros Mariz, Monsenhor Walfredo Gurgel e José Cortez Pereira de Araújo; o ex-Interventor Federal, General Antônio Fernandes Dantas...

Além de fecundo povoador dos sertões seridoenses, Caetano foi fundador de um núcleo urbano. Cuité, cidade paraibana, surgiu da capela erguida na fazenda do mesmo nome, pertencente a Caetano Dantas, para cuja constituição doou parte da propriedade, no ano de 1768.

A cidade potiguar de Carnaúba dos Dantas, se bem que não tenha tido seu início na pessoa de Caetano, ergue-se em território que formava a sua fazenda Carnaúba, transmitida por herança aos seus descendentes.

Termino, fazendo votos para que este trabalho de D. Adelino seja, apenas, as primícias de uma abundante safra...

Natal, em 5 de Setembro de 1977

OLAVO DE MEDEIROS FILHO

— Ora, direis, ouvir estrelas! Certo perdestes o senso!"

(Olavo Bilac)

E que diria hoje o poeta a quem se aventurasse a detectar vozes de antepassados, vindas de um papel amarelecido de quase duzentos anos, impotentes para sensibilizar as mil gerações da Era do Consumo e da Loucura? Não é mesmo ter perdido o juízo? Mas, queiram ou não, haverá sempre desses loucos, preocupados em ouvir estrelas e evocar mortos. Eu sou um deles. *Trahit sua quemque voluptas!* Dentro dessa linha, atrevi-me, mais uma vez, a debruçar-me sobre manuscritos dilacerados, roídos de traças e de desprezo humano, de leitura torturante e de grafia corrida, pobres de sinais gráficos e de beleza estética, mas, portadores de afeto e de dignidade. No caso, refiro-me, aqui, ao documento de inventário do Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia, meu pentavô paterno, escriturado nos inícios do ano de 1798, na então Vila do Príncipe.

* * *

1. — Nas pegadas do patriarca.

O Coronel Caetano Dantas Correia, nascido na Capitania da Paraíba do Norte, nas eras de 1710, viveu grande parte de sua vida e faleceu no sítio dos Picos de Cima, ribeira do Seridó, abaixo do Acauã, aos 19 de julho de 1797. Ninguém, até hoje, lhe traçou síntese biográfica tão perfeita, quanto um seu filho, de nome Manoel Antônio Dantas Correia, que, de próprio punho, deixou este depoimento ciosamente guar-

dado pelo dr. Otto de Brito Guerra, seu descendente. Respeitamos-lhe a grafia original.

— “Um velho de 79 anos, natural da freguezia do Seridó, provincia do Rio Grande do Norte, é descendente do Coronel Caetano Dantas Corrêa, natural da cidade da Paraíba do Norte, que nasceu na era de 1710, e na idade de 17 annos, não existindo já seus paes, subiu em companhia de um seu irmão mais velho chamado Antonio Dantas Corrêa, para o sertão de Piranhas; e ahi ficou sendo seu vaqueiro de gado pelo espaço de 25 annos; e depois deste se transportou para este Seridó, conduzindo já bom principio de bens; e na idade de 43 annos, aqui se casou com uma mulher de idade de 16 annos; e vivendo com ella vida marital, tiverão de seu matrimonio 9 filhas e 10 filhos; gerando ao último destes na idade de 70 annos; os quaes filhos (à excepção de dois que falleceram parvulos) cresceram e educaram-se por si nos dogmas da religião catholica e regras de bem viver; e sendo elle coronel do regimento de cavallaria miliciana, e achando-se em avançada idade de 80 annos, pediu sua demissão, que foi attendida, por ter exercido o seu posto sempre com honra, terminou seus dias da idade de 87 annos, ainda com alguma robustez de corpo, e de suas faculdades intellectuaes; deixando uma numerosa descendencia, e de si saudavel memoria, não só aos seus descendentes, como também aos mais moradores do lugar de sua residencia”.

(Felipe Guerra e Teófilo Guerra”, *Seccas contra a Seca*, 1909, pag. 15). Esse precioso manuscrito traz a data de 15 de junho de 1847, do Acari, breve, conciso, dimensionando de modo feliz a figura do grande patriarca sertanejo.

Desse excepcional pioneiro, chefe de familia numerosa, desbravador e sentinela do sertão de outrora, criador de gados, comprador de terras, benquisto, respeitado de todos, dessa velha figura, porem, não ficaram maiores dados. Ampliando, contudo, as informações de Manoel Antônio, o saudoso des. Felipe Guerra andou recolhendo de fontes seguras noticias supplementares sobre Caetano. Vale a pena transcrever algumas. Em suas “Notas genealógicas”, escreveu: — “Sobre a ascendência de Caetano Dantas Correia existem informações, com vias de lendas que, parece, não merecem crédito, em face de dados positivos. Assim, de muitas que me foram forne-

das, segundo me afirmaram, ministradas pelo Cel. Silvino Bezerra do Acari, consta: — Um fidalgo Dantas, primo de D. José, rei de Portugal, teve relações com uma indígena, da qual teve uma filha, que levou para Portugal, onde foi educada. A filha do Fidalgo Dantas, mais tarde, regressou ao Brasil, onde se casou com um pernambucano. Desse consórcio teve três filhos: Caetano, que constituiu familia em Acari, casou-se com uma filha de Tomaz de Araújo Pereira; Estevão, que constituiu familia em S. José de Mipibu; e outro que constituiu familia em Piancó, Paraíba. Ficam transcritas estas informações com as palavras com as quais vieram ao meu conhecimento.” E prossegue o des. Felipe:

— “O que se sabe em relação ao Cel. Caetano Dantas Correia, por dados fornecidos por seus descendentes, dados autênticos, e por informações outras, é que ele era filho de José Dantas Correia, natural, este último, da Vila de Barceira, do Arcebispado de Braga, de Portugal, e de sua mulher, Isabel da Rocha Meireles, natural da cidade da Paraíba, filha legitima de Manoel Vaz Varejão.”

E conclui: — Do que fica exposto sobre Caetano Dantas Correia, vê-se não ser verdadeira a afirmação de haver ele casado com a selvagem Micaela, da serra da Rajada, e que teve uma filha da mesma. Sua mulher, Josefa de Araújo Pereira, era filha do português Tomaz de Araújo Pereira. É certo que esse casal teve uma filha Micaela.”

Fica, dessa forma, desfeita, de uma vez para sempre, a velha lenda, segundo a qual Caetano teria desposado uma índia, apanhada na Rajada, a casco de cavalo, lenda que cai insustentavel à luz dos documentos.

Não creio, aliás, que o filho cronista, Manoel Antônio Dantas Correia, o tivesse omitido naquele esboço biografico, merecedor incontestemente de fé historica, através do qual se tornou possivel levantar uma sùmula biografica, completada, o quanto possivel, pelo documento do inventário, mesmo que este, por sua natureza, tenha apresentado o homem mais no que ele tinha, que no que ele era, pois esta era a intenção dos inventariantes.

As declarações de Manoel Antônio despertam algumas curiosidades. Que diferença notável, por exemplo, entre as idades de Caetano e de Josefa! As tradições familiares, ainda correntes, dão conta de um casamento realizado em circunstâncias singulares. Infelizmente, os primeiros livros de assentos de casamentos do Seridó se perderam.

Teriam se unido, num mesmo dia e na mesma ocasião, as irmãs Josefa, a mais velha, e Ana, a mais moça, com os senhores Caetano Dantas e Antônio Pais de Bulhões. Enfeitando o acontecimento, corre deliciosa lenda de que, à última hora, teria havido uma troca das noivas, sob determinação do vigário e anuência patriarcal. Assim, Josefa, noiva de Bulhões, teria sido dada a Caetano, e Ana, ainda não comprometida com ninguém, dada a Bulhões, sem reclamação alguma das partes, consumando-se tudo na mais santa paz. E tudo deu certo. O local da festa teria sido a fazenda São Pedro, nos Picos de Baixo, ou a igreja de Nossa Senhora da Guia, no lugar do Acari.

As informações do cronista Manoel Antônio, dando a Josefa a idade de dezesseis anos, não se parecem harmonizar com as dos livros paroquiais da época. Refiro-me aos livros de óbitos. Estes conferem a Josefa a idade de setenta e sete anos, ao falecer nos Picos, aos 18 de junho de 1816. Devia, portanto, ter nascido no ano de 1739. Ora, Caetano, ao casar-se, com quarenta e três anos, nascido que fora em 1710, devia estar rolando o ano da Graça de 1753. Não era possível, pois, que Josefa, nascida em 1739, tivesse, no dia de seu casamento, mais de catorze anos, mais jovem, assim, que seu marido, vinte e nove anos! Mas, o equívoco poderá ter corrido também por conta de quem averbou o termo de óbito.

* * *

Na rota do inventário.

O Coronel Caetano dos Picos, como o chamavam seus contemporâneos, faleceu aos 18 de julho de 1797, com a idade de 87 anos. Expirou tranquilamente, na sua fazenda, consciente de si mesmo, ungido e sacramentado, como bom cristão, reza o assento de óbito, que não especifica a causa mortis.

Seis meses depois, "Aos honze dias do mez de Janeiro de mil sete centos e noventa e oito annos," a viuva Dona Josefa de Araújo Pereira, "mulher que foi do falecido Coronel Caetano Dantas Corrêa," acompanhada de dois filhos e de dois genros, o Tenente Coronel Caetano Dantas Corrêa e o Capitão Simplicio Francisco Dantas, homem branco casado morador na fazenda Xique xique", Antônio Tomaz de Azevedo e Antônio de Azevedo Maia, comparece na "Villa nova do Principe, na casa de residencia do Juiz de Orffaos o Capitão Manoel Teixeira da Fonseca e ao dito Juiz faz entrega de todos os bens que haviam ficado pelo falecimento do dito seo marido pra que delles tomace conta."

Não quero furtar-me ao prazer de transcrever aqui, no estilo forense da época, o texto literal desse curioso documento que, ao escrivão João de Souza e Silva tanto suou a cabeça para decifrá-lo, já, em grande parte, comido de traças e enegrecido de nódoas.

A despeito de o assim chamado "rosto do inventário" ter desaparecido, e de as primeiras folhas se apresentarem dilaceradas, a habilidade e paciência de Olavo Medeiros conseguiram recuperar e datilografar quase totalmente o documento. Não há palavras suficientes para se exaltar o magnífico trabalho desse jovem genealogista caicoense, descendente também do patriarca Caetano, restituindo à forma primitiva um manuscrito de quase duzentos anos.

Esse venerando documento tem abertura solene, e para mim é prazer imenso tomar contato com a cultura forense daqueles tempos, nestes sertões, quando tudo era desafio ao homem.

"Aos onze dias do mez de Janeiro de mil sete centos e noventa e oito annos, nesta nova Villa do Principe Capitania do Rio grande e Comarca da Paraíba do Norte, em caza de rezidencia do Juiz de Orffaos o Capitão Manoel Teixeira da Fonseca aonde eu escrivão do seu cargo ao diante nomiado vim, e sendo ahi apareceu presente a Viuva Inventariante meeira Dona Josefa de Araujo Pereira mulher do falcido Coronel Caetano Dantas Correia, moradora nos Picos de Sima

deste termo, e por ella foi dito e requerido ao dito Juiz de orfãos que ella em comprimento da ordem e juramento apresentava o Tutor para seus filhos orfãos menores declarados no rosto deste Inventario. E logo appareceu o Tenente Coronel Caetano Dantas Correia o qual disse ao dito Juiz de orfãos que vinha servir de Tutor dos orfãos seus irmãos menores sem obrigação alguma de sua livre vontade, sem constregimento de pessoa alguma de sua livre vontade, aceito pelo dito Juiz, em forma de como, na nomeação abonada, a quem o dito Juiz lhe deferio o Juramento dos Santos evangelhos em hum livro delle em que poz sua mão direita (...) e dos bens que lhe forem adjudicados em suas Legitimas aos ditos orfãos seus irmãos para os dottrinar emsignar a todo o serviço de Deos e dos bons costumes, e os bens de sua Legitima para os administrar regellos e governar e pollos em boa arrecadação, e por elles requer todo o seu direito e Justiça tanto neste Inventario como fora delle, aonde forem autores ou Reos, tudo bem verdadeiramente sem dolo nem malicia alguma, de que deixando de tirar alguns bens por malicia ou omição ficar responsável a sua repuição mais bens e sua pessoa, de lhe todas as Legitimas dos ditos orfãos seus irmãos o principal de todos elles sem quebra falta mingoa alguma, e que para isso se dezaforava do Juizo de seu foro, Leis Liberdades privilegios e izenções e os da Lei de Veliano que for a favor della, porque delles senão queria valer, e todos os... mingoa alguma, e recebido por elle o dito Juramento debaxo delle asim prometteu fazer (...) orfãos declarados no dito Inventario e dos bens de sua Legitima que lhe tocar neste Inventario e sua obrigação por sua pessoa e bens e satisfação de todo o principal e das ditas Legitimas dos ditos orfãos. E logo appareceu o Capitão Simplicio Francisco Dantas homem branco cazado morador na fazenda Xiqui-xiqui deste termo pessoa que reconheço pelo proprio que se trata, e por elle foi dito que de seu moto proprio de sua Livre vontade sem constregimento de pessoa alguma ficava por fiador e principal pagador do Tutor dos orfãos, o Tenente Coronel Caetano Dantas Correia, filho do falecido Coronel Caetano Dantas Correia, e que se obrigava por sua pessoa bens havidos e por haver a toda a satisfação que houver de repor os ditos orfãos seus irmãos menores que por sua omição e má administração os não apresentasse de fiador, e que para isso obrigava a sua pessoa e bens e sujeitava a Lei de fiador do Juizo e se dezaforava de todos

os privilegios Leis Liberdades (...) mandou o dito Juiz fazer este termo em que assignou com o Tutor e fiador sendo presentes por testimunhas Antonio Thomaz de Azevedo, Antonio de Azevedo Maya em que também assignarão eu João de Souza e Silva escrivão que o Escrevi.

Teix.^a

Caetano D. as Corr.^a

Simplicio Franc.^o Dantas

Antonio Thomaz de Azevedo

Ant.^o de Azed.^o Maya.

Como se vê, este era o estilo forense daquelle tempo, no que tocava a papéis de inventários. Caetano Simplicio, Antonio Thomaz e Antonio de Azevedo Maia, filhos e genros do patriarca, são, com ele, os troncos dos Dantas e Azevedos do Seridó.

O volumoso processo do inventário, iniciado aos 11 de janeiro de 1798, teve andamento relativamente breve. Concluido no dia 6 de fevereiro, foi julgado aos 18 do mesmo mês e ano. Acha-se atualmente guardado no competente Cartório do Acari, em bom estado de conservação.

* * *

— A família do patriarca-Herdeiros e coherdeiros
— Omissões inexplicáveis.

O filho cronista, Manoel Antônio Dantas Correia, informa, com autoridade indiscutível, que seu pai gerara 19 filhos dez filhas e nove filhos, tendo criado 17. Pesquisas posteriores do dr. José Augusto e de Sebastião de Azevedo Bastos confirmam esse número. Pena é que, neste assunto, o documento de inventário não tenha vindo esclarecer bem os fatos, como se esperava. É sabido que, dos 19 filhos, citados por Manoel Antônio, sobreviveram 17, mas o inventário, nas discriminações de heranças e partilhas, só menciona 15, não fazendo referência alguma a Clemência nem a Antônio, relacionados pelos pesquisadores, o que nos parece muito estranho.

Possuímos cinco listas dos filhos do patriarca. A primeira, a mais autêntica, é a do documento do inventário, fornecida pela própria viúva ao Juiz dos orfãos da Vila do Príncipe, e que, com certeza, serviu de base às outras:

- 1) — Micaela Dantas Pereira, casada com Antônio de Azevedo Maia.
- 2) — Caetano Dantas Correia, casado com Luzia Maria do Espírito Santo.
- 3) — Simplicio Francisco Dantas, casado com Manoela Dornelas.
- 4) — Manoel Antônio Dantas Correia, casado com Maria José de Medeiros.
- 5) — Francisca Xavier Dantas, casada com João Crisóstomo de Medeiros.
- 6) — Ana Dantas Pereira, casada com Antônio Tomaz de Azevedo.
- 7) — Isabel da Rocha, casada com João Felipe da Silva.
- 8) — Maria dos Santos Dantas, casada com o cap. Francisco Gomes da Silva.
- 9) — Maximiana Dantas, casada com Luís Joaquim.
- 10) — Silvestre Dantas Correia, casado com Margarida Damasceno Pereira.
- 11) — Alexandre Dantas Correia, casado com Joana Gomes da Silva.
- 12) — Felix Dantas, casado sem ter deixado família (Felipe Guerra).
- 13) — Gregório Dantas.
- 14) — José Antônio
- 15) — Josefa de Araujo Pereira, casada com José Ferreira.

Até aqui, o inventário. Convém, entretanto, esclarecer que alguns destes nomes de genros e noras do patriarca encontram-se também noutros documentos, e que alguns dos filhos se casaram mais de uma vez. As anotações de José Augusto, Felipe Guerra, de Sebastião de Azevedo Bastos e de Paulino Alberto, colhidas em todos os roteiros e notas antigas da família Azevedo-Dantas, se não coincidem pela ordem, coincidem pelos nomes e número de filhos, acrescidos, porém, os nomes de Clemência e de Antônio, inexplicavelmente omitidos no texto do inventário.

E então? Por que essa omissão? É que já seriam mortos? Teriam vendido as heranças? O mistério maior me parece o de Clemência que, sendo casada, não comparece ao inventário. Trajano Pires de Nóbrega, ilustre cronista da família, informa:

“Antônio Alves da Nóbrega nasceu em 1779, e foi casado com Dona Clemência Dantas Pereira, filha do Coronel de Milícias, Caetano Dantas Correia e sua mulher Josefa de Araújo Pereira. Tendo falecido de parto Dona Clemência Dantas Pereira, por volta do ano de 1833...” (A família Nóbrega”, pág. 541). Se, de um lado, essa informação vem lançar luzes sobre a pessoa de Clemência, identificando-a como filha do Coronel e de Dona Josefa, doutro, porém, traz confusão sobre sua idade.

Na verdade, se o Coronel Caetano gerou o último filho com setenta anos, em 1780, temos de convir que esse filho terá nascido nas eras de 1781. Teria sido Clemência? Mas, aqui surge uma dificuldade, a da causa mortis, pois Trajano informa ter ela morrido de parto. Ora, se Clemência faleceu mesmo de parto, em 1833, devia ter, na ocasião, seus 52 anos, quando a uma mulher não era normalmente admissível tal gênero de morte. Essa dúvida perdura, aguardando resposta.

Doutro lado, a data da morte de Clemência, indicada por Trajano, não coincide com as informações de Manoel Antônio Dantas, seu irmão, e nos deixa em apuros. Há quem apele para a possibilidade de Clemência ter sido filha de Caetano Filho. Inútil essa apelação: Caetano não teve nenhuma filha, com tal nome. Admitir-se ter sido filha bastarda, parece-me buscar-se refúgio num matagal sem saída, e um insulto à me-

mória impoluta do patriarca. A questão vai ficando no ar, aguardando sua hora.

— Clemência não parece ter falecido no Seridó. Pelo menos, não encontrei qualquer indício a esse respeito nos livros de óbitos da região. (Ver, no fim deste opúsculo, os esclarecimentos de Olavo de Medeiros Filho, que me parecem fechar a questão sobre Clemência).

* * *

Outro nome omitido

Antônio Dantas é outro filho do Coronel, cujo nome se omite no texto do inventário. Azevedo Bastos é de opinião que ele não deixou descendência. Acha-se, porém, nas listas de José Augusto e de Felipe Guerra. O certo é que não comparece à chamada, ao lado da mãe, dos irmãos e cunhados, naquele dia 11 de janeiro de 1798, no Príncipe. Não encontrei seu atestado de óbito, não parecendo ter morrido por aqui. Felipe Guerra lhe dá o nome completo: Antônio Dantas Correia de Mendonça, casado com Joana, filha de Rosa.

* * *

Uma estória comovente.

Num velho caderno, deixado por Clementino Camboim, do Caicó, acharam-se algumas anotações atribuídas a um filho do genearca dos Picos, que Camboim escreveu ter sido José Antônio. Na íntegra:

— “Ao falecer José Antônio Dantas Correia, o velho Caetano não esqueceu o filho querido que, não se casando, ficou ao lado dos velhos seus pais.

Nos últimos momentos de sua existência, Caetano lembrou-se do filho que tanto conforto lhe dera na longa permanência na terra. Caetano sobreviveu ao filho José Antônio, seis anos. Apesar de católico fervoroso, nunca se conformou com a morte do filho”.

— Esta comovedora estória não me parece, porém, harmonizar-se com os dados positivos existentes. É que um filho de mesmo nome aparece vivo, como herdeiro, no papel de inventário, seis meses após a morte do pai. Seria um homônimo?

NOMES SEM MISTÉRIOS

MICAELA

Primogênita da patriarcal família, nascida nas eras de 1754, um ano após o casamento dos pais. Tendo se casado com o capitão Antônio de Azevedo Maia, passou a residir na fazenda Conceição do Azevedo, onde faleceu, aos 12 de junho de 1799, na idade de 45 anos. As informações de José Augusto e de Sebastião Bastos conflitam com as de óbito, a respeito do dia e mês de sua morte. Ei-las na íntegra: — “Aos doze dias do mês de Junho de mil sette centos e Noventa e nove annos na Capella de Nossa Senhora da Guia do Acari filial desta Matriz se deo sepultura a Dona Michaela Dantas Pereira falcida no mesmo dia cazada que foi com o Capitam Antonio de Azevedo Maia com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja tendo de idade quarenta e sinco annos Emvolta em abito Franciscano Emcomendado pelo Reverendo Padre Manoel Gomes de Azevedo de licença minha e sepultada no Corpo da Igreja de que se fes este acento que assignei. Jozé Antonio Caetano de Mesquita Cura.” (Livro de óbitos, 1789 a 1811, do Caicó, fl. 66)

OBSERVAÇÕES OPORTUNAS

- 1) — Este termo foi copiado *ipsis litteris* do original, texto corrido, sem nenhum sinal de pontuação!
- 2) — Sobre o local do sepultamento de Dona Micaela. Não se efetua na capela da Conceição, onde residia, mas na igreja de N. S. da Guia do Acari, onde se sepultaram seus pais, os irmãos e demais familiares, cujos termos de óbitos foram encontrados.

A futura capela da fazenda da Conceição seria inaugurada, dez anos depois.

- 3) — “... com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja.” É a tônica cristã, fiel, infectível, marcando a mentalidade religiosa dos irmãos sertanejos daqueles tempos, que não aceitavam morrer

alienados de sua fé, rompidos com ela. Era exemplo que passava de pai a filho. Caetano tinha dado esse exemplo, e que belo exemplo!

4) — "... e sepultada no Corpo da Igreja."

Velha praxe cristã, piedosa, vinda das eras primitivas, dentro do princípio de que a morte é um retôrno à vida. O cristão seja sepultado junto à fonte da Vida que é o Batismo, na igreja onde se fez filho de Deus, "no sagrado". Foi e continua a ser o antigo conceito cristão de cemitério. Por isso, os nossos antepassados se enterravam nas igrejas.

Nas "Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia", propostas e aceitas no Sinodo Diocesano de 1707, determina-se: — "É costume pio, antigo e louvavel na Igreja Católica, enterrarem-se os corpos dos fiéis cristãos defuntos nas Igrejas e cemitérios deles, porque como são lugares a que todos os fiéis concorrem para ouvir, assistir às missas, officios divinos e orações, tendo à vista as sepulturas, se lembrarão de encomendar a Deus Nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejam livres das penas do Purgatório, e se não esquecerão da morte, antes lhes serão aos vivos mui proveitoso tais memórias dela nas sepulturas. Portanto ordenamos e mandamos que todos os fiéis que neste nosso Arcebispado falecerem, sejam enterrados nas Igrejas ou cemitérios, e não em lugares não sagrados, ainda que eles assim o mandem, porque esta sua disposição como torpe e menos rigorosa se não deve cumprir."

5) — No Seridó, os livros de óbitos antigos são ricos das expressões "sepultado no Corpo da Igreja", "grades acima", etc.

"Grades acima" eram sepultadas as pessoas de mais notoriedade, as autoridades, os benfeitores e fundadores das igrejas, os sacerdotes, os párocos. Era local privilegiado e reservado. O mesmo era alguém sepultar-se na "capela-mór, no arco da capela-mór, ou da capela-mór para cima."

"Grades abaixo", corpo da Igreja ou simplesmente na Igreja ou na capela, eram áreas internas comuns. Posterior-

mente, os corpos passaram a ser sepultados ao pé do cruzeiro ou atrás dos templos, em áreas externas, por deficiência de espaço, talvez. Mas, tudo era considerado sagrado.

* * *

Nobreza de um gesto

Micaela, ao falecer, deixou treze filhos. Antônio de Azevedo Maia promoveu o inventário dentro do prazo legal, na Villa Nova do Príncipe, em outubro do mesmo ano. No auto de partilha dos bens do pai, não entrou como herdeira, por assim entender e querer seu esposo, creio que de comum acordo com ela. Vejam que beleza de gesto, de desprendimento, de honestidade, de um homem daqueles tempos, nas linhas e entrelinhas deste documento, através do qual o genro mais velho do patriarca desiste de uma herança a que tinha direito. Vamos reproduzi-lo aqui na grafia original.

— "Termo de abstenção de Erança que fas o Coerdro. primeiro dotado o Capitan Antonio de Azevedo Maya.

Aos tres dias do mez de Janeiro de mil sete centos e noventa e oito annos, nesta nova Villa do Principe Capitania do Rio grande Comarca da Paraíba do Norte, em caza de rezidencia do Juiz de orffaos o Capitan Manoel Teixeira da Fonseca, aonde eu escrivão do seu cargo ao diante nomiado, e sendo ahi, por ter vindo dar a colação dos bens que tinha levado, sua molher, Dona Micaela Dantas Pereira, por haver levado com elle coerdeiro primeiro Dotado como consta do papel de Duaçam para as partilhas e que nada queria nem da terça do falecido seu sogro marido que foi de sua sogra, e como cabeça de sua molher se abstinha de toda a erança que lhe poça tocar nos bens do dito falecido seu sogro em Ligítima porque somente queria ficar com o que tinha em seo poder e levava em Dote, de como assim disse e mandou o dito Juiz faser este termo de abstenção de Erança em que assignou com o dito coerdeiro, e eu Joam de Souza e Silva escrivam de orffaos o escrevi."

Tei. ra.

Antonio de Azevedo.

O dote de Dona Micaela

Na verdade, Dona Micaela, ao casar-se, tinha recebido do pai, como penhor de particular estima, por ser a primogênita da família, apreciável monte de bens, muito valorizados para a época. Antônio de Azevedo Maia os tinha anotado com cuidado e, anos depois, perante o Juiz de orfãos, dá conta dos mesmos, discriminando-os um a um:

"100\$000 em dinheiro,
dois cordons de ouro,
tres colheres de prata,
dois pentes de ouro,
hum par de botons de ouro,
hum volta do mesmo,
dois pares de brincos de ouro,
hum taxo de cobre,
hum Escrava Rita da nação da Costa,
hum Escrava denominada Vicencia creolla,
dez potras,
tres potros maxos,,
trinta e quatro vacas,
trinta e tres novilhas,
trinta e tres garrotas,
hum pedaço de terras no sitio Conceição ná ribeira do
Sirido de criar gados,

hum pedaço de terras de criar lavouras na Serra do
Coithe"

— Antônio de Azevedo Maia e Dona Micaela Dantas Pereira constituem fecundo tronco de mil gerações da família Azevedo-Dantas, espalhada nestas terras do Seridó

* * *

SESMARIAS

"SESMARIA" — grande propriedade, latifúndio, qual quer seja a palavra usada, representava a concessão de terras para a implantação de uma atividade agrária ou pastoril, o veículo pelo qual a terra foi ocupada, o meio de fixar o colonizador, de integrá-lo à terra, de desenvolver o povoamento".

(Manuel Diegues Júnior, citado por Rosilda Cartaxo, em "Estrada das Boiadas").

A légua utilizada nas medições das Sesmarias, no Seridó e nas demais regiões adjacentes, equivalia a 2.400 braças, como o entendiam os nossos sertanejos. O comprimento das Sesmarias se orientava no sentido em que as águas corriam, meia légua de cada lado. Cada braça tinha dez palmos craveiros, estes, doze polegadas, cada palmo, 22cm e era formado de 8 polegadas.

Câmara Cascudo escreve em Nomes da Terra, pág. 24: "A CARTA RÉGIA de 7 de dezembro de 1698 limitou a concessão da sesmaria, reduzindo-a a três léguas de comprimento por uma de largo, 83.635,200 metros quadrados na taxa de légua de sesmaria, 2.400 braças de 5.280, cada. Prazo de um ano para requerer confirmação a El-Rei Demarcar e povoar dentro de um quinquênio, sob pena de comisso."

* * *

Tenente-Coronel Caetano Dantas Correia

(O segundo)

Fundador da Fazenda Carnaúba.

O escrivão João de Souza e Silva lhe acrescenta, por uma única vez, o sobrenome de Góis.

Nascido no ano de 1758, parece ter sido o filho mais velho dos irmãos homens, e o de maior projeção na família. Acompanhou a mãe viúva à Vila do Príncipe e foi peça humana importante no inventário, como herdeiro e tutor dos irmãos órfãos menores. Casado em primeiras núpcias com Dona Luzia Maria do Espírito Santo (também Luzia Maria da Conceição, em alguns documentos) filha do português Sebastião de Medeiros Rocha, de Santa Luzia, e, em segundas núpcias, com Maria Paz do Nascimento, da família do Picuí, teve desses dois leitos, como disse Felipe Guerra, nove filhos e nove filhas. É ponto de partida de maior importância no povoamento do vale da Carnaúba, onde fixou residência, e onde deixou rico patrimônio das tradições paternas. Difícilmente encontra-se por aqui alguém que não lhe tenha herdado o san-

gue nas veias. Faleceu na fazenda Carnaúba, aos 15 de março de 1830, com a idade de setenta e dois anos, e, como a esposa, pais e irmãos, foi sepultado na capela do Acari, grades acima.

Por ocasião do inventário do pai, declarou ao Juiz que, "quando foi para sua casa e casara, ter levado do monthe ao falecido seo pai, de Dote

hum florete de prata,
hum par de esporas de prata, ,
dois pares de fivellas e botons tudo de prata,
hum Escravo Antonio cabra,
trinta e quatro vacas,
trinta e tres novilhas,
trinta e tres garrotas,,
trinta cabeças de gado de toda sorte,
seis poldras e sinco poldros,
terras de criar gados no logar denominado Casimba do meio
na ribeira do Sirido,
terras de criar lavouras na Serra do Coithe."

— "Aos quinze de Março de mil oitocentos e trinta, na Capella do Acari de grades acima foi sepultado o cadaver de Caetano Dantas Corrêa casado com Maria Paz do Nascimento falecido de hydropisia com todos os Sacramentos na idade de setenta e dois annos involto em habito branco e encommenda-do pelo Padre Manoel Cassiano de minha licença; e para constar fis este assento que assigno.

O Vgro. Francisco de Brito Guerra." (Livro de Óbitos, de 1811 a 1838, fl. 114, da paróquia do Caicó.)

* * *

Capitão Simplicio Francisco Dantas

Não parece ter falecido por aqui. Não consegui seu atestado de óbito, pelo qual pudesse deduzir sua idade e ano de nascimento. Mas, pelo fato de ter acompanhado sua mãe à Vila do Príncipe, para o processo de inventário, pode-se concluir tenha sido um dos filhos mais velhos.

Casado em primeiras núpcias com Dona Manoela Dornelas Bittencourt, fixou morada na fazenda do Xique-Xique, nas vizinhanças da futura cidade, a meio caminho do Ermo. Como o irmão Caetano, parece ter sido elemento de projeção na família, não restando, porém, sobre ele maiores notícias, pois, infelizmente, como observa Felipe Guerra, "poucas e incompletas são as informações obtidas sobre a descendência dos filhos de Caetano e Josefa de Araújo."

O sítio Xique-Xique é, ainda hoje, de beleza natural rara, nestes sertões de Carnaúba, fonte irradiadora da gens Dantas. Rico em minérios, de formação geológica primitiva, cortado pelo rio Carnaúba, cercado de serras e encostas erodidas, escondendo grutas pré-históricas, ornadas de litografias curiosas, desafiando os estudiosos, foi o Xique-Xique que aninhou a tradição dos Albertos Dantas que, em Simplicio, enxertam seu frondoso tronco.

O tenente Simplicio Francisco Dantas deve contar-se entre os filhos mais idosos do patriarca dos Picos.

Casou-se três vezes e, na segunda, esposou a sobrinha Ana Francisca de Medeiros, filha de sua irmã Francisca, casada com João Crisóstomo de Medeiros.

Aos tempos de Simplicio, a fazenda Xique-Xique foi teatro de emocionante lenda, cuja figura central teria sido o jovem Alberto, seu filho, de nove anos de idade. Este, acompanhando um vaqueiro do pai, numa tarde invernosa, teria se extraviado e se perdido nas encostas serranas. Tempos de sertão brabo, onça solta por toda parte. O vaqueiro, sentindo a falta do menino, volta à fazenda, e todos os moradores se mobilizam em estado de alerta, de aflição e oração. A vizinhança acorre, a vaqueirama se ajunta e, plena noite enlurada, vasculham em vão baixios e malhadas. Bacamartes estrugem, afugentando as onças e, em casa, chora-se, reza-se e fazem-se promessas. Pela madrugada, alguém bate à porta, chamando pelos pais. É o menino. — Meu filho, como acertou voltar a casa? — pergunta-lhe a mãe. — Ua mulher, vestida de azul, me defendeu das onças, me guiou e me trouxe até aqui.

usanças e mentalidade, a expressão humana e funcional, familiar e social, hábitos e apegos.

É interessante ver como Dona Josefa, numa cadência de ladainha, vai declarando, e o escrivão anotando, os vários títulos de ouro, de prata, de cobre, de ferro, de bens móveis de casa, de escravos, de gados, de bens de raiz e de dívidas. No final dessas declarações, impõe-se reconhecer, o que fica é uma certa decepção, uma pergunta: — essa era a riqueza tão falada do homem dos Picos?

O certo é que o Coronel Caetano morrera relativamente pobre, e a quase totalidade de seus bens, sem falar das propriedades, tinha sido já distribuída em dote aos filhos. As ditas propriedades eram, na verdade, o que mais pesava na balança. Vamos relacioná-las aqui, pois dessa relação se colhem algumas informações de interesse histórico. Respeitemos, letra por letra, a grafia original do documento. Demos a palavra à viúva inventariante:

- 1) — “hum sitio de terras de criar gados no lugar dos Picos de Sima nesta ribeira do Sirido com huma legoa de comprido e houtra de largo debaxo de marcos que houvera por titollo de compra aos erdeiros do defunto Padre José Gomes de Araujo, e aos erdeiros do defunto Lourenço de Gois.”
- 2) — “hum sitio de terras de criar gados denominado Palma na ribeira do Sirido sem bemfeitoria alguma que houvera por titollo de compra que delle fies ao Doutor Diogo Velho de Carvalho.”
- 3) — “hum sitio denominado Rajada sem bemfeitoria alguma que houvera por compra ao fallecido Braz Ferreira Maciel.”
- 4) — “hum sitio de terras denominado Carnauba de criar gados na ribeira do Sirido digo na ribeira do Sabogi que houvera por compra que della fiserá ao Capitam Braz Ferreira Maciel.”

- 5) — “hum sitio de terras de criar gados no lugar da Carnauba digo lugar do Ermo na ribeira do Sa-

bogi com huma legoa de terras de comprido e houtra de largo.”

- 6) — “hum sitio de terras de criar gados denominado Riexo fundo na ribeira do Sabogi que houve por titollo de compra que delle fiserá ao Capitam Braz Ferreira Maciel.”
- 7) — “hum sitio de terras denominado Prazeres com legoa e meia na ribeira do Sabogi nas cabeceiras de Santa Luzia sem bemfeitoria alguma ahinda em bruto que houve por titollo de Data de Sesmaria na Cidade da Paraiba do Norte.”
- 8) — “hum sitio de terras de plantar lavouras na Serra do Coithe deste termo com duas legoas e meia de terras quadradas que houvera por titollo de compra ao Tenente Coronel Thomaz de Araujo Pereira.”
- 9) — “huma porsão de terras de criar gados no lugar denominado Inga na ribeira do Sirido.”
- 10) — “terras de criar gados no lugar denominado Casimba do meio na ribeira do Sirido”. — A época do inventário, já pertencia aos filhos do patriaca.

* * *

NOTAS

I — Infelizmente, os textos dos inventários não iam além de simples declarações sem maiores detalhes. Dona Josefa da conta de sitios e de bens, não lhe interessando datas nem lugares, quando e onde tinham sido escriturados. Uma pena!

II — Ribeiras do Seridó e do Sabugi.

No inventário se faz menção clara de duas ribeiras em que se localizavam as propriedades de Caetano: ribeiras do Sabugi e do Seridó.

Irineu Joffily, em "Notas sobre a Paraíba," enumera 8 ribeiras relacionadas com o sertão paraibano:

- 1) — Ribeira do Cariri,
- 2) — Ribeira do Piancó,
- 3) — Ribeira das Piranhas,
- 4) — Ribeira do Sabugi,
- 5) — Ribeira do Patu.
- 6) — Ribeira do Rio do Peixe.
- 7) — Ribeira do Seridó,
- 8) — Ribeira das Espinharas.

Ao tempo de Caetano, parecia haver alguma confusão acerca das posições exatas das ribeiras do Seridó e do Sabugi. Por isso, ao longo do documento do inventário, não é de estranhar que o rio da Carnaúba se diga situar-se ora na ribeira do Seridó, ora na ribeira do Sabugi. Esse equívoco se cometeu até meados do sec. 19 e, nele, por várias vezes, caíram Dona Josefa e o escrivão. Localizar o rio Carnaúba na ribeira do Sabugi, valeria afirmar que o riacho do Ingá correria na ribeira das Espinharas.

* * *

Notas sobre os sítios do Coronel.

1) — Picos de Cima

Os velhos topônimos de suas propriedades ainda resistem ao tempo e persistem até hoje. O fato não deixa de constituir uma satisfação para nós seus descendentes, que gostamos de repetir nomes que eram tão familiares aos nossos antepassados, mantendo a corrente comunicativa no tempo e no espaço, evocando homens e fatos.

Picos de Cima foi, é e continuará a ser para a família Dantas uma emocional referência.

No inventário, Dona Josefa relembra herdeiros do pai, José Gomes de Araújo e de Lourenço de Orlas, sogro de José Dantas Correia, do Teixeira, irmão de Caetano. Teriam sido os primeiros donos da terra. Mas, o que mais nos interessa do os primeiros donos da terra, é que Picos de Cima foi o grande centro irradiador da pessoa e da ação do patriarca o ponto central e convergente de suas atividades, de sua administração, de sua morada, guardada pelo serrote lendário e banhada pelo rio Acauã, o ninho do amor e do trabalho, dividido entre a mulher e os filhos, entre os vaqueiros e os rebanhos, a oficina mater, a baliza do patriarcal latifúndio, no sentido tranquilo que, naquelas épocas, não ecoava, nem de longe, as implicações odiosas e injustas da era atual.

No auto de partilha, o vasto sítio foi repartido em dez partes, consignadas pacificamente à viuva e aos filhos, José Antônio, Josefa, Gregório, Alexandre, Silvestre, Manoel Antônio, Maria, Simplicio e Francisca. Divisão sem brigas e sem protestos. Isto era uma das belezas do regime patriarcalista de então. Terra possuída em comum, trabalhada em comum e herdada em comum, sob as bênçãos de Deus e do chefe da família, numa divisão agrária com amor e sem ambições. Alias, o Seridó foi sempre um grande exemplo desse comportamento social e familiar, cujos efeitos ainda se sentem hoje.

2) — O sítio Palma

O sítio Palma ocupava outrora, como ainda hoje, uma vasta e plana extensão de terras, unindo a Rajada às ribeiras do Acauã, ricas de pastagens, de logradouros e algodais. O Coronel Caetano o adquiriu ao licenciado Diogo Velho de Carvalho (em que ano?), pessoa já conhecida nos anais sesmeiros do sertão seridoense, morador do termo de Goiana, e que, nas eras de 1749, comprava a proprietários da Capitania de Pernambuco, o sítio Ingá, "no sertam do Acauhã". No auto de partilha, o sítio Palma foi entregue à viuva e ao filho Caetano.

3) — O sítio Ingá

O formoso "logar denominado Inga na ribeira do Seridó," o patriarca Caetano comprou-o ao já mencionado Diogo Velho, nas eras de 1760, por escritura passada na Vila de Nossa Senhora do Rosário de Goiana.

O magestoso e espetacular boqueirão do Bico da Arara lhe sacancara as portas de um vale verde entre serras. O saudoso desembargador Silvino Bezerra, em documentada monografia, nos deu interessantes informações sobre a história desse sítio, rica de emoção e expressão.

Dos autos do inventário, consta que os genros coherdeiros, João Felipe da Silva e Antonio Tomaz de Azevedo, viúvos, respectivamente, das irmãs Ana e Isabel, receberam partes do Ingá. Aliás, à época do inventário, o Ingá já pertencia a filhas de Caetano.

* * *

4) — O sítio Rajada

Identificado, de longas distâncias, ergue-se o colossal monólito, assentado, soberbamente, como uma esfinge, na paisagem solitária. A Rajada é um topônimo vindo, possivelmente, dos primeiros batedores deste sertão. Uma lindeza de perfil granítico, sereno e soberano, sentinelandando nas portas do vale da Carnaúba. As escuras raias verticais, marcando-lhe os flancos e oriundas das águas pluviais, lhe justificam o nome.

A começar dali, até às fronteiras da então Capitania da Paraíba, em linha reta para o nascente, numa extensão de aproximadamente quarenta e poucos quilômetros, o Coronel Caetano adquiriu quatro outras grandes porções de terras, cujas denominações o tempo respeitou. A viúva inventariante declarou que as haviam comprado a um rico senhor de terras, de nome Braz Ferreira Maciel, já falecido ao tempo do inventário, herói desconhecido de quem nenhum descendente festejou, senão que seu nome ainda é lembrado numa fonte (Olho d'água do Braz) e numa serra (Serra do Braz), nas vizinhanças da cidade.

* * *

5) — O sítio CARNAÚBA

A mais antiga referência ao nome CARNAÚBA parece rememorar às eras de 1717, duzentos e sessenta anos passados.

Em novembro daquele ano, "Luiz Quaresma Dourado, ajudante de infantaria paga desta cidade, que possui no sertão do Quintururé por data de sesmaria duas leguas de terras em um riacho que descobrio chamado Olho d'água Grande que corre de leste à oeste em uma vargem e campos que tem dito

RIOCHÃO DE CARNAÚBAS ... "Apostamentos para a História Territorial da Paraíba, João de Lyra Tavares, 1969, pag. 106, n. 153, 5 de nov. de 1717."

Éis o primeiro marco, a certidão de batismo da Carnaúba, lavrada quando o Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia mal ia se libertando dos cueiros. Esta avoenga referência vai servir de apoio a comentários mais amplos que, daqui a pouco, pretendo desenvolver sobre Carnaúba. Mas, convém guardá-la, desde agora. Creio ter sido, naquele meio tempo, que Quaresma Dourado vendera as terras ao capitão Braz Ferreira Maciel que, posteriormente, as transmitiria a Caetano por escritura particular, e este, cinquenta e nove anos mais tarde, as legalizaria, requerendo-as por Datas, como o fez, segundo estes documentos:

— "SESMARIAS — N. 720 — 6 de nov. de 1776.

— O Coronel Caetano Dantas Correia diz que possui uma sorte de terras no riacho chamado Carnaúba de que está de mansa e pacífica posse, e por nas fraidas nas ditas terras haver sobra, a quer o suplicante por nova data com tres leguas de comprido e uma de largo, pegando no olho d'água chamado Bico ou donde mais conveniente for. Foi feita a concessão no governo de Jeronymo José de Mello Castro." (João de Lyra Tavares, op. cit., pag. 365 a 366.)

Caetano Dantas Correia diz que carece de terras para seus gados e plantações e porque se acham terras devolutas no riacho CARNAÚBA ... junto ao sítio da serra Rajada — CARNAÚBA — que tirou por data seu ante possuidor Luiz Quaresma Dourado, quer por sesmaria trez leguas de sobras entre os mesmos sítios. Foi feita a concessão no governo de Jeronymo José de Mello Castro." (Idem, pag. 433).

— No auto de partilha, o grande sítio da CARNAÚBA foi retalhado em onze partes, e estas couberam, respectiva-

mente, à viuva e aos filhos, José Antônio, Josefa, Gregório, Alexandre, Silvestre, Manoel Antônio, Maria, Simplicio, Caetano e Francisca.

* * *

6. — O sítio Ermo

... "no lugar do Ermo, terras de criar gados com humma legoa de comprido e houtra de largo que houvera por titollo de compra que lhe fiseram o Capitam Braz Ferreira Maciel."

O Ermo, pouso acolhedor, sentimental e tradicional das famílias Adelino Dantas e Azevedo, além de outras, de ótimas terras, banhadas pelo rio Carnaúba e bloqueadas pelas serras do Forie, do Gavião e do Cardão, e ricas de lavouras, de barragens e de minérios. No inventário, foi partilhado entre a viuva e o filho Caetano

* * *

7) — "O sítio Prazeres"

Dona Josefa dá ao Juiz de orfãos da Villa do Príncipe uma declaração rica de detalhes a respeito do sítio "Prazeres na ribeira do Sabogi nas cabeceiras de Santa Luzia que houve por titollo de Data de Sesmaria na cidade de Paraíba do Norte."

No documento de inventário, é este o único sítio que se refere ter o Coronel Caetano adquirido por Data de Sesmaria, localizado, afirma ela, na ribeira do Sabogi. Isso sugere entender, pela sequência da relação anterior, que sua localização seguia a mesma linha do rio Carnaúba. Mas, ninguém, por aqui, dá notícia de tal sítio. Ou o topônimo desapareceu, ou a referência "cabeceiras de Santa Luzia" faz mesmo conjecturar-se ficasse tal propriedade lá parás as bandas desse município paraibano.

* * *

8) — "Serra do Coithe."

... "hum sítio de plantar lavouras na serra do Coithe deste termo com duas legoas e meia de terras quadradas que houvera por titollo de compra ao Tenente Coronel Thomaz de Araujo Ferreira..."

Terra pra não se acabar mais! Pena é não se saber em que ano se efetuou essa compra, nem onde se encontra a escritura. Esse tenente Thomaz de Araújo Pereira outro não é, senão o sogro do patriarca, português de origem e morador nos Picos de Balxo.

Caetano legalizou a rica aquisição e, pelas informações de Coriolano de Medeiros, "em 31 de outubro de 1784, ele requereu a data de terras Lagôa do Coité, onde levantou vivenda, edificou a Igreja das Mercês." (Dicionário Geográfico do Estado da Paraíba, pag. 84.)

A doação de uma gleba para a futura capela se efetua dezesseis anos antes, aos 17 de julho de 1768, quando Caetano e sua mulher "doam meya legua de terra aonde for erigida a ditta capella."

— Por morte do patriarca, o imenso latifúndio do Coité foi partilhado em doze partes e consignado a Dona Josefa e aos filhos Micaela Francisca, Caetano, Simplicio, Maria, Manoel Antônio, Maximiana, Silvestre, José Antônio, Gregório e Alexandre

— Dos sítios do Coronel Caetano foram estes os que, a meu ver, mereciam referências especiais, e que constituíam a base mais forte de seu patrimônio, passando das mãos do pai para as mãos dos filhos.

Na verdade, Caetano, qual o patriarca Jacó, foi pai amoroso e generoso. Suas largas dotações aos filhos, quando se casavam, o provam eloquentemente.

Um de seus genros, João Crisóstomo de Medeiros, depondo perante o Juiz do Príncipe, declara que a esposa, Dona Francisca Xavier Dantas, ao casar-se com ele, recebera de dote, das mãos do pai, este curioso acervo:

"hum pente de oiro,
tres cordões de oiro, ,
tres pares de brincos de oiro,
dois laços de oiro,
hum abotuadura de oiro,
hum rosario de oiro,

hum volta de contas de oiro,
 hum anel de oiro,
 seis colheres de prata,
 hum taxo de cobre,
 dois escravos,
 trinta e quatro vacas,
 trinta e seis novilhas,
 trinta treis garrotas,
 tres potros e
 tres porções de terras na Carnauba, Picos e Colithe."

— Do consórcio Francisca e João Crisóstomo frondejou, no Seridó, a família Medeiros-Dantas, cujos ramos ainda cobrem esta terra. Francisca teria nascido nas eras ou na década de 1760. Faleceu de hidropisia, aos 12 de junho de 1820, e seus restos jazem na então capela de Nossa Senhora da Gula do Acari. O padre Guerra lhe redigiu o termo de óbito.

* * *

— Outros bens. Pessoas de escravos, coisas e bichos.

Dona Josefa arrola, perante o juiz, filhos, coisas e bichos, assim como as pessoas de uns poucos escravos, pois seu marido não escapara ao mais vergonhoso e desumano pecado social da época.

No solar dos Picos, "hum morada de caza terria de Taipá coberta de telhas ... com nove portas e hum janela e sete fixaduras," curtiem o cativo "a escrava Liandra cabra de sincoenta e dois annos sem molestia, a escrava Maria d'Angolla de sincoenta annos com molestia, a escrava Domingas sem abiliade nenhuma, hum escravo molato Manoel, hum escravo molato Paulo filhos da escrava cabra Liandra, e hum escravo Mauricio filho da escrava Maria," que os avaliadores apreciaram no valor de quinhentos e cinco mil reis!

Quanto aos outros bens, ressaltadas as propriedades, não atona, no inventário, quantitativamente, tanta coisa, como era de esperar.

"Hum porsão de ouro velho, hum espadim de prata liza de huso velho, hum jogo de fivellas de prata, uma porsão de

prata velha, hum par de esporas de prata, doze garfos de prata, dois taxos de cobre," tudo avallado ao modesto preço de sessenta mil réis!

O que desperta mais curiosidade são os bens de título de ferro e de coisas móveis, um montão de objetos caseiros que vão, desde "hum martello velho", até os três "vultos" do singelo oratório doméstico, "hum oratório de madeira liza sem bemfeitorias", no qual se guardavam as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de Santa Luzia e de São Sebastião. Curiosa é a relação de peças velhas, contrastando com as porções de ouro e prata, testemunhando a austera face da vida de um lutador sertanejo:

— "hum serra braçal já husada,
 hum folha de serra velha de mão já husada,
 hum folha de serra pequena velha,
 hum inxo velha,
 hum jogo de malas velhas,
 seis maxados velhos,
 sette enxadas velhas,
 nove cangalhas velhas,
 hum banco velho,
 dezacete coiros curtidos de cabra velhos",
 uma ladainha sem fim de coisas velhas!

Pioneiro do espirito compeador nordestino, o Coronel Caetano levou a vida dentro desse espírito. Fez da criação de gado o ideal de sua existência, acomodando seus rebanhos desde as malhadas do Acauã. Seridó e Sabugi, até às encostas da Borborema — "Terras de criar gados" é a qualificação repetida na discriminação dos sítios, ecoando na época, quebrada, uma única vez, quando compra terras na chapada do Cuité," para plantar lavouras."

Tornou-se, assim, um autêntico capitão, um audaz desbravador deste sertão, possuindo e povoando a terra, nela se fixando e fixando os seus, abrindo aqui as estradas das boiadas.

É um prazer recordar-se, a estas alturas, uma página deliciosa de Rosilda Cartaxo, ilustre escritora paraibana, em

"Estrada das Boiadas", e rebento dos intrépidos Dantas Ro-
tela de São João do Rio do Peixe:

— "Foi o boi que fixou o homem nas encruzilhadas, nas-
cedouro das primeiras cidades. Quando o gado cansado ali se
deixa ficar em pouso, se revigora, faz surgir o curral, a venda,
um fazendeiro, uma cidade, seus cascos amanhã o chão da
Caatinga e traçam os riscos das primeiras estradas, chamadas
com muita propriedade "das boiadas." (Rosilda Cartaxo, em
"Estrada das Boiadas")

— Neste Seridó, Caetano Dantas Correia teria sido o
maior campeador de seu tempo.

Ao falecer, porém, seu rebanho se achava notavelmente
desfalcado, pois, só em dotes aos filhos casados, se desfizera
de umas mil cabeças, sem falar dos prejuízos das grandes se-
cas que, na década de 1790, tinham dizimado quase totalmen-
te os rebanhos. Por isso, não é de admirar que Dona Josefa,
em suas declarações, tenha apresentado o modesto balanço de
oitenta e três reses, tudo quanto restava, em seu poder, dos
opulentos plantéis de outrora.

* * *

Um outro lado da herança

Mas, não foram só os bois e as terras que fizeram a
grandeza de Caetano, como fruto legítimo do suor e do labor.
Como sinal da grandeza de seu espírito, o magnânimo se-
nhor dos Picos construíra, ao longo da vida, e legara aos fi-
lhos, um outro monte de bens que não se veem nem se tocam,
nem a traça rói, nem o ladrão rouba. Há heranças e heran-
ças. Há as que escapam ao enfoque materialista, e as que se
projetam na visão do espírito, definindo homens e valores.

Sentiu-o e proclamou-o muito bem o filho cronista,
meio século após a morte do pai, quando revelou que ele mes-
mo e os irmãos haviam aprendido na escola paterna os **dogmas**
da Religião e regras de bem viver. Aqui está o segredo, o outro
lado da herança, amontoadas na vivência da fé, da dignidade
humana, do trabalho e do dever, da paternidade cristã respon-
sável. Só a transmite quem a juntou para transmitir.

— 38 —

A dar crédito às tradições familiares. Caetano, quando
jovem, teria manifestado pendores para o sacerdócio e até ter
sido seminarista, tradição que nunca se confirmou. Nem se
sabe ao certo onde estudara. Mas, o de que todo mundo ja-
mais duvidou, é que ele não foi um mediocre nem um anal-
fabeto. Se, de fato, demonstrou capacidade de, por si mes-
mo, formar os filhos nos dogmas da Religião e regras de bem
viver, igualmente a teve de ter sido o mestre-escola de todos
eles. O documento do inventário contém as rubricas de al-
guns deles. Que beleza de letras, de complicados arabescos!
Só mesmo u'a mão de mestre de caligrafia teria guiado as
mãos de um Simplicio de um Caetano Filho, de um Silves-
tre e de um Manoel Antônio. Que simetria de talhe másculo,
impecável, firme, digno de ornar qualquer documento! Creio
ser este o outro lado da herança que fala, e fala bem alto.

Não descobri as rubricas das filhas, senão a de Micaela,
numa escritura de doação. Irregular, assimétrica, em nada fa-
zendo lembrar as dos irmãos homens. Das demais irmãs, nada.
Seriam analfabetas, como Dona Josefa, a mãe? Mentalidade da
época? Talvez.

* * *

"Auto de Partilha"

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de
mil e sete centos e noventa e oito annos, aos vinte sinco dias
do mez de Janeiro do dito ano, nesta nova Villa do Principe
Capitania do Rio grande Comarca da Paraíba do Norte em
caza de residencia do Juiz de orffaos autoal, o Capitam Ma-
noel Teixeira da Fonseca aonde eu escrivam do seu cargo ao
diante nomiado e sendo ahi por estarem prezentes Joze Fer-
reira Barreto, Francisco Pereira de Sam Ago nomidados pelo
dito Juiz pra servirem de partidores nos bens deste Inventa-
rio em falta dos do Conselho, aos quais o dito Juiz lhe deferio
o Juramento dos Santos evangelhos em um Livro d'elle em
que pozerão cada hum daquelles, sua mão direita, sobre car-
go do qual lhe emcarregou que bem verdadeiramente sem
dollo nem malicia alguma fizecem partilhas de todos os bens
Inventariados e deschristos neste Inventario que ficaram do
cazal do falecido Coronel Caetano Dantas Correia, marido
que foi de Dona Josefa Maria, conforme a sua determina-

— 39 —

ção retro, recebido por elle o dito Juramento debaxo delle
asim prometerão fazer como lhe foi emcarregado e para
constar mandou o dito Juiz fazer este termo em que assignou
com os ditos Partidores nomiados, e eu João de Souza e Sil-
va escrevam que o Escrevi.

Teix.ra

Francisco Soares Pera

Joze F.ra Barretto.

* * *

Acharão elles dito Juiz e Partidores nomiados empor-
tar toda a fazenda Inventariada descripta neste Inventario
a quantia de sinco contos e seis centos e setenta e tres mil
e trezentos e quarenta reis".

"TERMO DE CONCLUZAM"

Aos seis dias do mez de Fevereiro de mil sete centos
e noventa e oito annos nesta nova Villa do Principe Capita-
nia do Rio grande Comarca da Paraíba do Norte, em meu
escriptorio faço estes autos de Inventario e Partilhas con-
cluzos em caza do Juiz de orffaos Capitam Manoel Teixeira
da Fonseca, de que para constar fiz este termo, eu João de
Souza e Silva escrivão que o Escrevi".

Despacho do Juiz

(De grafia péssima e de leitura difficilima)

"Vistos estes autos de inventario como (...) esta-
rem as partilhas bem feitas legitimamente (...) omittam
(...) mais erdeiros (...) conduzido que em direito (...) os
julgo por firme e valiozas e se cumpram e goarde como
minha defenetiva sentensa da maneira que nelles se comtem
e pague as custas por (...) do primeiro (...)

Va. do Prinsipe 18 de Fev.^o de 1798.

Manoel Teix.^a da Fonseca."

CAETANO DANTAS, FUNDADOR DE CARNAÚBA?

O dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, no seu livro "Famílias Seridoenses", afirma que "o rio Carnaúba foi todo ele povoado por descendentes de Caetano Dantas Correia, a quem se deve também a fundação de Cuité, na Paraíba."

Não sei se o termo também inclui aqui a intenção de admitir que Carnaúba, como Cuité, tenha sido fundada por Caetano. A dúvida fica no ar, aguardando resposta e dando dor de cabeça. Adianto-me, porém, eximindo-me da responsabilidade de asseverar seja Caetano o fundador de Carnaúba. Desejaria, isto sim! que Carnaúba tivesse surgido, como surgiu, por exemplo, Caicó, numa data certa, fundador certo. Vejamos como nasceu a Vila do Príncipe, na eloquência deste documento, encontrado em papéis velhos de Clementino Camboim:

* * *

"ACTA DA INSTALAÇÃO DA POVOAÇÃO DO CAICO"

— "Aos sette do mez de Julho de mil sette centos e trinta e cinco anos de Nosso Senhor Jezus Christo, nesta Fazenda Penedo, Capitania do Rio Grande do Norte, foi sollememente as 7 horas da manhã, installada a Povoação do Caicó, tendo o Coronel de Cavallaria Manoel de Souza Forte profferido as Palavras Indicadas nas ORDENAÇÕES FILIPINAS, e ordenado a collocação do PELOURINHO com (...) de profundidade, para serem applicados castigos aos criminosos, aos escravos, aos ladrões e aos filhos desobedientes aos paes. A assistencia prorompeu em Vivas ao Rei de Portugal

Dom João V; ao Vice-Rei do Brasil conde de Sabugoza; ao Governador da Capitania João Teive Barretto de Menezes, e ao Coronel Manoel de Souza Forte, fundador do Caicó desde 1700 annos e hoje elevado a Arraial e Povoado. A seguir, o Rvdo. Messias Jozé Pereira, natural de Goyana celebrou a Santa Missa na Praça da Capella e da Caza da Supplicação, tendo sua Reverensissima ao final do Santo Sacrifício dado a Benção da Imagem de Sant'Anna, offerta do cearense Luiz da Fonte Rangel, depois de cujo acto o povo beijou reverentemente o simbolo de nossa fé, offertando donativos tão proprios de sollenidades taes.

Como nada mais houvesse a tratar, ordenou Sua Senhoria o Coronel Souza Forte — que fosse lavrada a presente Acta no Livro por elle rubricado, tirando-se tres vias: uma para o Governador da Capitania, e 2 para serem remettidas opportunamente ao Vice-Rei do Brasil para o mesmo encaminhar uma das quaes ao Rei de Portugal. Eu, João Leite de Mendonça — Secretario ad-hoc a escrevi com lettra firme e legivel. (aa) Manoel de Souza Forte-Coronel de Cavallaria — Pe. Messias Jozé Pereira — Coadjutor de Goyanna — Luiz da Fonte Rangel-Doador da Imagem de Sant'Anna (etc.) (Do Livro n. 2 do Arquivo da Prefeitura do Caicó, anos de 1734 a

* * *

Em tempo, abrindo sinal para uma retificação.

Em 1962, publiquei o livrinho "Homens e fatos do Seridó antigo", fruto de pesquisas e, sobretudo, de amor à terra de meus antepassados.

No decorrer dos anos, continuando as pesquisas, estimulado pelo acolhimento dado à modesta obra, fui me apercebendo dos senoes e da necessidade de uma revisão da mesma. Infelizmente, porém, a angustia de tempo e outras angustias, neste espaço de quinze anos, não me permitiram concretizar meus planos. Há muita coisa a retocar, e esses retoques atingiriam, principalmente, a matéria do cap. I, intitulado "O fundador de Caicó."

A despeito da honestidade com que sustentei o quanto ali escrevi, apoiado em documentação digna de fé histórica,

reconheço, agora, que meus pontos de vista caem por terra, e cedem lugar ao documento supra, que as mãos hábeis e diligentes de Olavo de Medeiros Filho arrancaram dos fundos do velho Arquivo da Prefeitura do Caicó.

Sobre o assunto, convenço-me de que nova e definitiva luz foi projetada, sem apelação, a crer-se na autenticidade da cópia encontrada. Suum cuique! O seu a seu dono. Ao sargento-mór Manoel Fernandes Jorge, as honras de fundador e benfeitor da Matriz de Santa Ana! Ao Coronel de Cavallaria, Manoel de Souza Forte, com as saivas da História, as de ter sido o fundador do Caicó!

Mas, quem fundou Carnaúba?

Para começo de conversa, uma advertência: quem se mete a fazer história, faça-o indene de paixão. Essa advertência tem, aqui, sua razão de ser, e vem a propósito de certas estórias e ciumatias ridículas que correm entre nós, desfigurando pessoas e fatos. Mas, vamos tentar restituir a verdade, reajustá-la em suas naturais dimensões.

Cinco grandes famílias, intimamente estrelaçadas, respondem pelas origens de Carnaúba, pelo povoamento e fixação do homem nestas terras. De início, vieram os Dantas de Caetano, unidos aos Araújo. Depois, chegaram os Azevedos, unidos aos Dantas; os Medeiros, os Garcias, os Macedos, os Hipólitos e Sacramentos uniram-se aos Dantas, aos Azevedos e Araújo, resultando desse leque humano, una e indivisível, a grande família Carnaubense. É este o ponto de partida. Dos primitivos donos desta terra, dos Quaresma Dourado, Lourenço de Góis e dos Braz Ferreira Maciel, nem o rasto...

Mas, a meu ver, a nenhum membro daquelas famílias se pode atribuir, isoladamente, a honra de ter sido o fundador de Carnaúba, no sentido pleno do termo. É que eles não chegaram aqui como fundadores, mas simplesmente como povoadores. Aqui vieram, não no intuito de fundar cidade nenhuma, mas tão somente no de ocupar, amanho e cultivar a terra, acomodar seus gados e criar seus filhos. Todos eles. E foi só isto o que aconteceu.

Mas, isto não vem destruir uma verdade histórica. que nos manda reconhecer — e ninguém pode tapar o sol com a

mão — que à frente deles todos, encabeçando a fila, aqui chegou, primeiro, o Coronel Caetano Dantas Correia. Foi ele e só ele, que, numa arrancada histórica sem competidor, adquiriu sozinho estas terras, dos serrotes dos Picos aos tabuleiros da Rajada, do vale da Carnaúba às chãs do Cuitê, dando a estes quadrantes um sentido novo de realidade gregária, de posse e de unidade, de povoamento, de presença e de fixação humana. Creio caber aqui a pergunta meio angustiada de um autor moderno: — Que seria de Terra, se o homem não tivesse aparecido, e nela se estabelecido?

Honras, pois, se dêem a quem as merece, e estas só Caetano as merece! Se isto conferisse a Caetano as honras de fundador, então o saudariamos como fundador de Carnaúba. Mas, não foi este o sonho que alimentou nem o que pretendeu. Ele simplesmente lançou as bases remotas de uma futura comunidade que, posteriormente, se chamaria Carnaúba dos Dantas. Somente isto, e mais nada.

“Caetano Dantas, esse forte varão que, na tradição de nossos Antepassados, teve suas inspirações guerreiras, quando, dos contra-fortes da Borborema, divisou ao longe esse belo vale protegido por altaneiras montanhas, quais naturais fortalezas, impedindo qualquer aventureiro de ali penetrar”.

(José de Azevedo Dantas, em anotações recolhidas por Amélia Azevedo.)

* * *

O NOME CARNAÚBA

Com certeza, não foi Caetano quem o sugeriu por primeiro. Já vimos acima a primeira possível referência ao RIA-CHO DE CARNAHUBAS, nas eras de 1717 (Topônimo indígena, alterado, de Caraná-yba, Caraná-uba, — a palmeira, a árvore Caraná. (Teodoro Sampaio e Câmara Cascudo.) Esta terra já era conhecida por esse nome, cerca de meio século, antes de Caetano tê-la comprado ao capitão Braz Ferreira Maciel, sem que isto, de maneira alguma, lhe venha diminuir a fama e o mérito.

As declarações de Dona Josefa ao Juiz da Vila do Príncipe, — “aos onze dias do mes de Janeiro de mil sette centos e noventa e oito annos,” se harmonizam perfeitamente com os termos da velha Data. Ela afirma realmente que, entre os bens de raiz deixados pelo falecido seu marido, era bem assim “hum sitio de terras denominado CARNAUBA de criar gados na ribeira do Sabogi que houvera por compra que delle fisera ao Capitam Braz Ferreira Maciel.” O sonoro étimo teria brotado, então, dos lábios de quem, primeiro, das alturas da Rajada, contemplara, um dia, os graciosos flabelos da esguia palmácia, pontilhando o verde vale. Se índio, ou civilizado, pouco importa.

* * *

MAS, INSISTO: QUEM FUNDOU CARNAÚBA?

Esta pergunta, em si muito natural, a mim me parece nunca ter preocupado nossos antepassados e ser algo irrespondível. Se a Caetano pertence o mérito inegável e histórico de ter adquirido as terras, o mais certo é que elas se tornaram o pouso de seus filhos e descendentes. O lugar foi surgindo aos poucos e, no local em que se ergue hoje a cidade, se diz ter Antônio Dantas Rotêia construído a primeira casa. Se isto vale honras de fundador, então lha confiramos a AN-TÔNIO DANTAS ROTÊIA, e a aclamemos FUNDADOR DE CARNAÚBA!

Esse herói, segundo informa o venerando ancião, já falecido, Mamede de Azevedo Dantas, em suas anotações, viveu por aqui nas eras de 1897, tendo falecido nos primeiros dias de 1898.

* * *

VIERAM OS AZEVEDOS

Sim! os Dantas e os Azevedos aqui chegaram juntos e bem juntos, num grupo homogêneo de famílias, para povoar juntos as terras da CARNAÚBA, no espírito de uma vocação histórica que vem de muito longe.

Essa caminhada em conjunto iniciara-se em eras remotas, no além-mar, desde as montanhas do Minho e Douro,

mal as terras lusas se libertavam das hostes árabes. Unidos lá, unidos aqui, lado a lado, os Azevedos e Dantas, queiram ou não, são galhos irmãos de uma mesma cepa, numa continuidade que nada pode destruir. São eles o tronco frondoso e forte donde brotou a família carnaubense. Convence o fato de duas filhas de Caetano terem se casado com dois Azevedos, impulsionando, assim, aqui, a beleza da caminhada vinda de longe.

Sobre as origens de Carnaúba, nunca correram notícias de que os nossos antepassados Dantas e Azevedos se tenham dividido por ciúmatas e questões ridículas sobre quem, entre eles, tenha sido o maior. Não foi esta a herança que nos legaram. Só de alguns anos para cá, é que vêm surgindo vozes conflitantes, por parte até de descendentes seus, ousando negar a Caetano o mérito que lhe cabe na história de Carnaúba. Não faltou mesmo quem, em anotações avulsas, chegasse a escrever: — Quem vem de fora, pensa que Carnaúba teve seu princípio em Caetano Dantas.

Respondendo firmemente que a ninguém de fora ou de dentro é possível pensar doutro modo, e que, quem assim pensa, pensa muito bem, não está equivocando, nem distorcendo os fatos nem injuriando alguém. O que não entendo é que um descendente de Caetano tenha afirmado uma coisa dessa!

Sim! não há dúvida que Carnaúba teve seu princípio em Caetano Dantas Correia, e só nele! Foi um primeiro sem segundo, o primeiro impulso, o ponto de partida, o iniciador da aventura, o desbravador deste sertão. Então, fincar o primeiro marco, povoar, civilizar, não é princípio?

Mas, insistem: — Caetano e seus filhos aqui nada deixaram que servisse de lembrança para o futuro

Mas, isto será possível? Poderá haver afirmação mais injusta, injuriosa, ferina, atingindo em cheio a memória de um bandeirante? Então, nada deixaram, nem sequer o nome? E que lembrança mais abençoada e duradoura, mais bíblica, que a família que Deus abençoou e multiplicou? Será que a família não seja lembrança para o futuro?

Se o ilustre dr. José Augusto reconhece, com autoridade de historiador e de genealogista, que “o rio Carnaúba foi

povoado. todo ele, por descendentes de Caetano Dantas Correia”, será possível, perguntamos nós, que esses milhares de descendentes seus nada tenham feito por Carnaúba? Se no decorrer dos tempos, outras famílias aqui chegaram e se uniram pelos mesmos laços de sangue, e se distinguiram pela inteligência, arte e cultura, será que esses novos valores tenham vindo ensombrar os méritos de seus antepassados. se não reforçá-los, construídos pelo esforço somado dos Azevedos, Dantas, Araújo, Macedos, Medeiros e outros tantos?

Pensaram, sim! e pensaram muito bem os legisladores de 1953, quando, da criação do município, o batizaram, não por DANTAS DA CARNAÚBA, como ousaram insinuar, mas por CARNAÚBA DOS DANTAS, não crendo eu que essa denominação, lá na Mansão dos Mortos, tenha perturbado Azevedos e Dantas, nem renovado ressaibos de intriguinhas que nunca os dividiram por aqui.

O mestre Câmara Cascudo, em NOMES DA TERRA, escreveu: “CARNAÚBA DOS DANTAS — em décadas finais do séc. XIX, já possuía essa denominação, divulgada popularmente pelos sertões.” Falou o historiador, e está falado!

* * *

CARNAÚBA DOS DANTAS, ou CARNAÚBA DOS AZEVEDOS?

Para mim, tanto faria. Um mesmo gesto de coerência e de justiça teriam cometido, e os Carnaubenses se teriam sentido honrados, pois aqui ninguém de bom senso se atreve a separar ou distinguir sangue de Azevedo e Dantas. Se estes abriram a entrada civilizadora, aqueles a continuaram e ampliaram com feitos consagradores. Se a Francisco de Azevedo Dantas se deve a idéia de construir a primeira capela, convém lembrar que Francisco era bisneto de Caetano, ficando assim bem claro que, ao menos nisto, um Dantas ou um descendente deles “deixou aqui alguma coisa que servisse de lembrança para o futuro.” Francisco procedia da linhagem forte dos Azevedos-Dantas, neto de Antônio de Azevedo Maia e de Dona Micaela Dantas Pereira, filha do genearca dos Picos. Homem de visão e de amor à terra, homem de ir pra frente. Da idéia de erguer a capela, passou à de construir o ce-

mitério, meados do século passado, tempos terríveis, quando as secas e epidemias dizimavam os sertões.

A construção da capela foi uma odisséia, desafiando paciência e coragem. A Francisco uniu-se seu irmão José, apoiados eficientemente por Joaquim Paulino de Medeiros, todos descendentes de Caetano. O exemplo desses homens caiu em terra boa e inspirou imitadores. Como informou o velho Mamede, Antônio Dantas Rotêia, João Cândido de Medeiros, Antônio Francisco de Azevedo e outros, retomaram a tarefa, crendo no futuro de Carnaúba e projetando para a posteridade a imagem da fé e da coragem.

Relembrar os nomes desses varões carnaúbenses de ontem é compromisso de honra de todos nós, sobretudo das gerações novas, hoje em dia tão esquecidas de seus maiores. Antônio Dantas Rotêia, João Cândido de Medeiros, Joaquim Paulino de Medeiros, Francisco e Antônio Francisco de Azevedo, jamais poderão ser desconhecidos, dignos que são da linhagem do grande ascendente. Heróis que substituíram heróis. Se o patriarca e os filhos não alcançaram seus feitos, nem por isso seus descendentes deixaram de valorizar e perenizar, no tempo e no espaço, os rasgos assinalados dos indômitos lutadores.

* * *

CARNAÚBA DOS DANTAS! CARNAÚBA DOS AZEVEDOS!

Não sei desses nomes qual o mais evocador.

Trazem-me ambos ressonâncias genealógicas e imorredouras, ressuscitando, em sombras bíblicas, figuras patriarcais e, emoldurando a pátria História, figuras de santos, de missionários e de mártires.

Se o primeiro prevaleceu, creio que por obra e graça de quem, à frente deles todos, caminhou, liderando a procissão branca de mil gerações, seguidas de tantas outras, unidas e irmanadas, que, ainda hoje, graças a Deus, continuam a marchar juntas, a trabalhar, amar e rezar juntas, sob o esplendoroso céu desta terra amada e idolatrada, pelo vale verde das carnaúbas ou pelas escarpas rochosas do Monte do Galo!

MEMÓRIAS DE UM VELHO CARNAUBENSE

MAMEDE DE AZEVEDO DANTAS, que eu conheci e sepultei, era, em vida, a história viva e itinerante de Carnaúba. Faleceu aos 18 de outubro de 1956, com a idade de 81 anos. Não creio que, na atual geração, alguém, em Carnaúba, o tenha excedido em assuntos de genealogia e tradições familiares. Varão sertanejo, no sentido pleno, homem de bem, cristão austero, pedreiro de profissão, mestre de obras, irmão do grande José de Azevedo Dantas.

Num caderno de notas, encontrado pelas filhas Amélia e Josefa, o velho Mamede deixou excelentes subsídios a quem melhor deseje conhecer certos aspectos da evolução histórica de Carnaúba. Entre outros, anoto aqui alguns que se referem às primeiras construções erguidas no lugar. Escreveu ele:

“— Em 1850, Francisco de Azevedo Dantas, neto de Antônio de Azevedo Maia, de Jardim do Seridô, e neto também de Caetano Dantas, da fazenda Carnaúba, teve a idéia de construir uma capela em homenagem a São José.

Em 1856, no tempo do cólera morbus, ele deu um pedaço de terra para fazer um cemitério de cerca, que ele mesmo construiu e reconstruiu de tijolos, um ano depois, e bento em 1858.

Passaram-se os tempos e, em 1876, o mesmo Francisco de Azevedo Dantas, tratou de construir a capela de São José, juntamente com o seu irmão, José de Azevedo Dantas, e seu cunhado, José Martins de Medeiros, da Rajada. Angariaram 200 cabeças de gado, serraram 100 dúzias de tábuas

e queimaram uma caleira de tijolos, quando resolveram fazer uma casa, chamada Casa de São José, que foi edificada na Povoação de Carnaúba. Mas, a seca de 1877 veio atrapalhar tudo, e a idéia foi abaixo.

Tempos depois, em 1897, Antônio Dantas Rotêla, morando no lugar, retomou a idéia de construir a capela de S. José e de instituir uma feirinha que teve duração de poucos meses. Mas, Rotêla insistiu, levou avante a construção da capela, mandou Epifânio Adelino queimar os tijolos e doou uma faixa de terra a São José.

Falecendo Antônio Dantas Rotêla (ou Antônio Dantas de Maria) nos começos de 1898, assumiu os trabalhos o seu genro, João Cândido de Medeiros, Quincó da Rajada, que, com alguns amigos, levantou uma capelinha, e nisto ficou.

Em 1903, Antônio Francisco de Azevedo, filho de Francisco de Azevedo Dantas, enfrentou a luta, começando pela feira e construindo uma latada de palhas de coqueiro. A feira teve começo no dia 13 de junho de 1903, com o comparecimento de umas 100 pessoas.

Dai por diante, Antônio Francisco de Azevedo começou a construir casas no mesmo local, até que, em 1910, ajudado por alguns amigos, tratou de levantar uma igreja maior, sendo ele encarregado do serviço, desde o alicerce até à inauguração. Seu pai Francisco de Azevedo chegou a ver o começo da Povoação, aquela que vinha adotada por ele, mas não viu seu fim, pois veio a falecer.

O sr. Antônio Azevedo não só enfrentou o serviço da igreja, como também fez o mercado público, por sua conta, com a disposição de quinze anos. Foi ele também que aumentou o cemitério em 1926, gastando de seu bolso a importância de 400 mil réis.

E concluiu o velho Mamede Azevedo:

— "Portanto a idéia de Carnaúba veio de seu pai, Francisco de Azevedo, que chegou a construir o cemitério, e depois, de seu irmão, Antônio Azevedo, que trabalhou com uma força de vontade, suportando muitas injúrias, mas tudo so-

frendo com paciência. Construiu também duas casas próprias: uma para o arranhamento da família, e outra para a hospedagem dos padres, em 1904. Antônio de Azevedo faleceu no dia 16 de novembro de 1940."

Nota — Sem pretender em nada alterar as informações de Mamede de Azevedo Dantas, mas ampliá-las, ouvi, há poucos dias, de um respeitável ancião de quase noventa anos, ainda vivo, que aqui nasceu, que a Antônio Dantas Rotêla (ele preferia ser chamado de Antônio Dantas Maria) se deve a construção da primeira casa de morada de Carnaúba, e ao saudosismo Manoel Adelino dos Santos, a da primeira casa comercial.

* * *

SOBRE O MONTE DO GALO DIZIA MAMEDE:

— "O Monte do Galo, antigamente, era conhecido pelo "Serrote do Galo", e isto tem sua origem.

O meu avô dizia que já os seus bisavós e tetravós falavam de uma lenda muito antiga, segundo a qual, durante anos, nos tempos passados, quem passasse pelas imediações do magestoso Serrote, pela meia noite ouvia um canto de galo. Ninguém se atrevia a aproximar-se do local, cercado de matagal enorme, de urzes e espinhos. Guardei comigo aquelas palavras que ouvira muitas vezes de meus antepassados. Eles diziam: — "Aquele Serrote, como os antigos o chamavam, será um dia um lugar santo". E eu dizia comigo mesmo: — "O galo cantou anunciando o nascimento de Cristo. O serrote será, um dia, o caminho do Calvário, a proteção, talvez, da pobre e pequenina terra da Carnaúba."

Nota — A história do Monte do Galo está ainda por se escrever. Ele se constitui, hoje, o centro de uma das mais autênticas expressões de religiosidade popular neste sertão, já com reflexos noutros estados, uma Lapa de Bom Jesus em miniatura, que convém estudar. Por não dispor de fontes, atualmente, deixo aos outros a honra de o fazer.

EVOCANDO A MEMÓRIA DE MEUS ANTEPASSADOS

— Quatro certidões de Óbitos históricas das Famílias
Azevedo — Dantas

* * *

(Livro de Óbitos de Caicó, 1789 a 1811, fl. 53)

“— Cel. Caetano Dantas Corrêa — Aos dezenove dias do mes de Julho de mil sette centos e noventa e sette annos, na Capella de Nossa Senhora da Guia do Acari filial desta Matriz se deo sepultura ao Coronel Caetano Dantas Corrêa adulto de oitenta e sette annos cazado com Dona Josefa de Araujo Pereira moradores na Fazenda Picos de Sima desta Freguezia com todos os Sacramentos envolto em abito franciscano em commendado pello Reverendo Padre Manuel Gomes de Azevedo de minha licença e sepultado no Corpo da Igreja de que se fez este acento que asignei.

José Antonio Caetano de Mesquita Cura.

* * *

(Idem, de 1811 a 1838, fl. 27)

“— DONA JOSEFA DE ARAUJO PEREIRA — Aos dezoito de Junho de mil oitocentos e dezaceis na Fazenda dos Picos faleceu apressadamente a Viuva Dona Josefa de Araujo Pereira que foi casada com o Coronel Caetano Dantas Corrêa, e foi sepultada na Capella do Acari, ten-

do de idade settenta e sette annos, e sendo amortalhada em borel e encommendada pelo Padre Manoel Teixeira da Fonseca de minha licença: do que fiz este Assento que assigno. O Vigro. Francisco de Brito Guerra".

* * *

(Idem, fl. 66)

"— ANTONIO DE AZEVEDO MAIA — Ao primeiro dia do mez de Maio de mil oito centos e vinte e dois na Capella da Conceição se deu sepultura ao cadaver de Antonio de Azevedo Maia, casado que foi, com Maria José de Santa Anna, de idade de setenta annos, falecido de huma dor, envolto em habito branco, enterrado das grades para si-ma, sendo encommendado pelo Reverendo Manoel Teixeira da Fonseca de minha licença; de que para constar mandei faser este assento que assigno. O Vigro. Francisco de Brito Guerra."

* * *

(Idem, 1789—1811, fl. 66)

"— MICHAELLA DANTAS PEREIRA — Aos doze dias do mes de Junho de mil sette centos e Noventa e nove annos na Capella de Nossa Senhora da Guia do Acari filial desta Matriz se deo sepultura a Dona Michaela Dantas Pereira falcida no mesmo dia cazada que foi com o Capitam Antonio de Azevedo Maia com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja tendo de idade quarenta e sinco annos Emvolta em abito Franciscano Em comendada pelo Reverendo Padre Manuel Gomes de Azevedo de minha licença e sepultada no Corpo da Igreja de que se fes este acento que asignei. Jozé Antonio Caetano de Mesquita Cura."

* * *

O TERMO DE MINHA CONCLUSÃO

Sempre cultuei e admirei a grandeza moral e cívica de meus Antepassados Azevedo-Dantas, ramificados e multiplicados na tecitura intermina de mil familias, aqui, no Seridó e na Paraiba. Graças a Deus, nós, seus descendentes, podemos olhar para trás, sem receio de virar estátuas. Os exemplos de amor a Deus e à terra, ao trabalho, o respeito e a fi-

delidade à palavra dada, à família e ao cumprimento do dever, continuam a ser o legado maior que nos deixaram. Lembremos-lhes os nomes, sem deles nos envergonharmos. Isto é felicidade!

Abalancei-me a interpretar o nome de um deles que sempre julguei o maior de todos, através das frias linhas de um secular documento. A tarefa não me pareceu facil, mas não inutil, valendo-me como de um eco vindo de longe, ou saboreando um fruto novo, colhido de troncos velhos, ricos ainda de amor e vida. Não me furto ao apelo do inspirado Autor de Ben Sirac:

— "Façamos o elogio dos homens illustres, que são os nossos antepassados, em sua linhagem.

Foram homens de grande virtude, dotados de prudência

Eles governaram os povos de seu tempo, e com firmeza de sua sabedoria deram instruções muito santas ao povo.

Homens ricos de virtude, que tinham gôsto pela beleza, e viviam em paz em suas casas.

Todos eles adquiriram fama junto de seus contemporâneos, e foram glória de seu tempo.

Aqueles que deles nasceram, deixaram um nome que publica seus louvores. Na sua posteridade permanecem os seus bens. Os filhos de seus filhos são uma santa linhagem, e seus descendentes mantem-se fieis às alianças. Por causa dees, seus filhos permanecem pra sempre, e sua posteridade, assim como sua glória, não tera fim.

Os seus corpos foram sepultados em paz, seu nome vive de século em século. Proclamem os povos a sua sabedoria, e ante a assembléia os seus louvores."

(Livro do Eclesiástico, cap. 44)

Carnaúba dos Dantas, julho de 1977.

Dom José Adelino Dantas.

**A TRADIÇÃO POPULAR E O CORONEL DE MILÍCIAS
CAETANO DANTAS CORREIA**

— Olavo de Medeiros Filho —

* * *

"O Senhor Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só; eu vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja semelhante." (Genesis 2.18)

"Uma mulher virtuosa, quem pode encontrá-la? Superior é o seu valor ao das pérolas." (Provérbios 31, 10).

* * *

Em 1969 tive oportunidade de demorar-me na cidade de Ipueira, visitando o velhinho Manoel Paulino de Medeiros, "seo" Né da Jurema, um dos mais autênticos depositários das preciosas tradições do Seridó de antanho.

Naquela oportunidade, transmitiu-me êle uma tradição que remonta aos meados do século XVIII, em que se descrevem os casamentos de dois patriarcas da região do Seridó, cuja versão, apesar de não poder ser comprovada através de documentos, achei por bem conservar para lembrança dos pósteros.

A narrativa envolve as pessoas de Caetano Dantas Correia e Antônio Pais de Bulhões, casados com duas filhas do português Tomaz de Araújo Pereira, e troncos de tradicionais famílias da região.

No ano de 1752 localizava-se com fazendas de gado no riacho da Carnaúba, no Seridó, o solteirão CAETANO DANTAS CORREIA, vindo do sertão de Piranhas, onde já era abastado proprietário. Contava o sertanejo, na ocasião, quarenta e dois anos de vida. Chegando ao Seridó, Caetano tornou-se inimigo de um português ali estabelecido muitos anos antes, Tomaz de Araújo Pereira, morador na sua fazenda São Pedro dos Picos de Baixo, localizada à margem do rio Acauã. Tal inimizade derivou de uma questão de terras ocorrida entre os dois vizinhos.

A fazenda da Rajada, então adquirida por Caetano Dantas, não contava com "benfeitoria alguma", o que levou Caetano a localizar sua moradia no interior de uma fuma existente no alto da serra da Rajada. Tal fuma é bem visível para os viajantes que, nos dias atuais, demandam da cidade do Acari em busca da vizinha cidade de Parelhas. Apesar do incômodo representado pela dificultosa escalada da serra, tal local apresentava muitas vantagens para a sobrevivência do seu morador. Inclusive, ali brotavam alguns olhos d'água puríssima.

A distância de umas quinhentas braças, estendia-se o alvo lençol das areias úmidas do riacho Carnaúba, em cujas margens vicejavam milhares das palmeiras que deram origem ao nome do curso d'água.

Além dos seus vaqueiros, dedicados às lides da pecuária, Caetano mantinha a seu serviço um escravo de contiança, cujo nome a tradição não guardou, o qual lhe servia de cozinheiro.

Um dos pratos consumidos por Caetano era a nossa tradicional coalhada de leite, alimento essencial à boa mesa sertaneja. Mas, havia um pequeno pormenor: Caetano só consumia aquele produto lácteo, se o mesmo apresentasse uma espessa camada de nata...

Certo dia, o fiel escravo serviu ao patrão um prato de coalhada, da qual fôra removida toda a nata formada, utilizada, talvez, no tempero de outras iguarias...

Indignado com a ocorrência, Caetano quebrou o prato, cheio de coalhada, na dura cabeça do negro, incriminando-o por contrariar as suas recomendações!...

— Patrão, vosmincê está precisando é de se casar, prá ter uma mulher que lhe faça os gostos!..., desculpou-se humildemente o cozinheiro.

— Como poderei me casar nesta terra, se as únicas moças casadouras são filhas de Tomaz de Araújo, meu inimigo?

* * *

Deixemos Caetano enfurnado na serra da Rajada e nos voltemos para a fazenda São Pedro, onde chegava na ocasião um sacerdote, para ali realizar uma desobriga. Tal acontecimento era ansiosamente aguardado por todos os fiéis e destinava-se à continuidade da vida religiosa da comunidade, isolada naqueles rincões desassistidos.

O Capitão Tomaz, proprietário de São Pedro, iria, por ocasião da desobriga, casar uma sua filha, Josefa (Zefinha, em família), com o senhor Antônio Pais de Bulhões, moço pernambucano, que era esperado no Seridó para a celebração das bodas.

Como era muito comum à época, os noivos não se conheciam. Tomaz de Araújo viajara, na ocasião, ao Recife para ali realizar as compras que seriam destinadas ao consumo na sua fazenda. Entre essas aquisições, achava-se incluído o enxoval destinado ao casamento da filha Zefinha.

O padre, já instalado no relativo conforto da casa da fazenda, antes mesmo do regresso do proprietário resolveu dar início à desobriga, que compreendia batizados, confissões, missas, casamentos, etc.

Procurou-se um acólito para as cerimônias litúrgicas, porém não havia ninguém em condições de desempenhar a tarefa. Então, alguém informou que havia um candidato, esquecido até então... o senhor Caetano Dantas que, inclusive, fôra aluno de seminário... Mas, havia o problema da incompatibilidade existente entre o Capitão Tomaz de Araújo,

em cuja fazenda achava-se hospedado o reverendo, e o solitário da fuma da Rajada.

O bom padre contornou o impasse, explicando aos presentes que os interesses da Religião se sobrepunham a tão mesquinhos problemas de natureza meramente humana.

Enviou, então, um portador à serra da Rajada, com um convite dirigido a Caetano, convocando-o a comparecer, na manhã seguinte ao local da desobriga, quando teriam início as atividades religiosas.

Recebido o convite, Caetano ficou um tanto preocupado. O negro, seu fiel cozinheiro, tomando conhecimento do convite, advertiu o patrão do perigo de uma possível cilada destinada a tirar-lhe a vida.

Decidindo-se a comparecer à fazenda São Pedro, Caetano exclamou resolutamente:

— Será o que Deus quiser!...

E tomou o rumo da fazenda vizinha, pela madrugada. Ali, desempenhou suas novas funções de acólito e, terminado o "serviço", fez menção de montar a cavalo, com a intenção de regressar à sua "casa".

Interveio o vigário, convidando-o a "ficar para o almoço", pois "era o que faltava" Caetano não participar dos abundantes comes-e-bebes que se seguiriam, depois de tanto colaborar para o bom êxito da desobriga!

Durante os momentos da sua presença em São Pedro, Caetano enamorou-se da jovem Zefinha, a filha de Tomaz de Araújo, já prometida em casamento a Antônio Pais, e cujo enxoval o pai fôra adquirir no Recife.

Homem de decisões prontas, Caetano solicitou ao sacerdote uma conversa "em particular", ocasião em que transmitiu ao reverendo os seus problemas de solteiro isolado numa fuma de serra... Falou-lhe também da inimizade que surgira com o seu vizinho Tomaz e... da impressão confortadora que lhe causara a cativante figura da jovem Josefa, em pleno viço dos seus quatorze anos...

O padre chamou D. Maria da Conceição de Mendonça, mãe da moça, dando-lhe conhecimento das pretensões de Caetano. Combinaram remeter uma carta ao português ausente, comentando os recentes eventos, carta essa que foi redigida pelo sacerdote e assinada por D. Maria da Conceição. Um negro andarião, conduzindo a missiva, rumou célere para o Recife, ao encontro do destinatário. Após alguns dias de marcha, o escravo chegou à feira de gados do Recife, onde avistou a figura de Tomaz de Araújo, em companhia de Antônio Pais de Bulhões, seu futuro genro, e de outras pessoas da sua comitiva.

Tomaz de Araújo achava-se, na ocasião, sentado sobre um caixão de mercadorias. Ao divisar a figura do seu serviçal, exclamou para os presentes:

— Deve ter acontecido uma desgraça lá em casa, prá esse negro vir bater por aqui!...

Recebida a missiva, Tomaz leu-a por largo espaço de tempo. Depois, colocou a cabeça entre as mãos, mergulhando em profunda reflexão. Ansioso, Antônio Pais fazia mil conjecturas...

Final, levantando o rosto, os olhos maliciosos, Tomaz dirigiu-se ao futuro genro:

— Oh, senhor Antônio Pais, como é o nome da minha filha que se acha prometida a vosmencê em casamento?...

— Não é Josefa, Capitão?

— Senhor Antônio Pais, eu estou ficando caduco... A minha filha, com quem o senhor se casará, é a Ana, Aninha, de doze anos. Josefa já é noiva de outro!...

O Capitão Tomaz tratou de adquirir um outro enxoval de casamento, destinado à sua filha Aninha, e, em companhia de Antônio Pais, tomou o rumo do Seridó...

Tomaz de Araújo resolveu convidar o solitário da Rajada a comparecer à fazenda São Pedro, a fim de combinarem o casamento, devendo o noivo permanecer hospedado na citada fazenda até o dia das bodas.

A fim de formular o convite, Tomaz de Araújo rumou para a Rajada. Ali chegando, apeou-se do animal e principiou a escalada da serra. Lá do alto Caetano reconheceu-o e dirigiu-se ao seu encontro.

No meio da escalada, encontraram-se Caetano e Tomaz, ocasião em que se abraçaram comovidos, selando-se, a partir de então, uma amizade inabalável!...

E, finalmente, em um mesmo dia, naquele distante ano de 1753, celebrou o nosso conhecido padre da desobriga, dois casamentos muito comentados no sertão: o de Caetano com Josefa, e o de Antônio Pais com Ana...

* * *

Infelizmente, a tradição oral sempre tem as suas falhas... No presente episódio existe uma contradição: Caetano Dantas teve um irmão mais moço, Gregório José Dantas Correia, o qual, por volta do ano de 1751, já era casado com uma outra filha de Tomaz de Araújo.

Do casal Gregório e Joana de Araújo Pereira nascera uma criança primogênita, chamada Albino, em 1752. Portanto, à época em que Caetano chegava ao Seridó, aí já se encontrava o seu irmão, de quem viria também a ser concunhado. Logo, Caetano não era um estranho para o velho Tomaz de Araújo, pois este já era, na ocasião, o sogro de Gregório. Os laços de sangue já haviam entrelaçado as raças dos Araújo e dos Dantas!..

Talvez, alguém possa lançar luzes sobre o interessante assunto,

* * *

Manoel Antônio Dantas Correia, filho do patriarca Caetano, em manuscrito deixado, refere-se ao fato de ainda conservar o seu pai, à época do seu falecimento, "alguma robustez de corpo". A tradição oral do Seridó aponta Caetano Dantas como tendo sido um homem de grande robustez e força física; "segurava um boi pelo lombo", façanha singular, que exige força hercúlea para sua execução. Trata-

se de deter o intento de fuga de uma rez, cuja cabeça achase presa por uma corda, retida pelas mãos do homem. Com um detalhe: a parte trazeira do animal fica voltada para a direção onde se encontra a pessoa que o retém, o que permite ao boi utilizar a plenitude de suas forças!...

Conta-se, também, que Caetano era possuidor de um "grito" possantíssimo, muito útil nas ocasiões em que precisava comunicar-se com pessoas que se encontravam a consideráveis distâncias!...

A vida ao ar livre, a alimentação à base de carne e leite, o exercício desenvolvido nas lides com o gado, forjavam tipos físicos de grande vigor.

* * *

"Naquele tempo, dizem, batia-se corredor no almoço, no jantar e na ceia", aludindo ao grande consumo de carne que havia nas fazendas."

"O tutano dos ossos era o que mais apreciavam das matrutagens, por ser considerado entre todas as comidas como a que dava mais vigor."

"O café e o chá botaram a perder a gente de hoje. Deus só deixou para se comer carne de boi, o mais é invenção dos homens." (Trechos do livro de Irenêo Joffily, Notas sobre a Paraíba).

* * *

A tradição deixada entre os descendentes de Caetano aponta-o como tendo sido "dotado de inteligência, hospitaleiro e caritativo".

O CORONEL DE MILÍCIAS CAETANO DANTAS CORREIA,
um SESMEIRO DO SÉCULO XVIII.

— Olavo de Medeiros Filho —

"Toda a terra que vês, eu a darei a ti e aos teus descendentes para sempre". (Genesis 13,15).

* * *

Caetano Dantas Correia foi um dos mais destacados sesmeiros do século XVIII, requerendo terras na então Capitania da Paraíba do Norte. Lyra Tavares, autor de Aparentamentos para a História Territorial da Paraíba, cita a existência de diversas sesmarias requeridas pelo patriarca, transcritas nas páginas seguintes.

* * *

“Nos primeiros anos dessa época, as fazendas de criação, fundadas somente às margens dos principais rios, guardavam de uma a outra a distância média de três léguas; por que não excediam desta extensão em comprimento, com uma légua de largura, as sesmarias concedidas aos exploradores, reservando o leito do rio de linha central — espinhaço; e mesdindo-se meia légua para cada banda ou margem” (Irenêo Joffily — Notas sobre a Paraíba).

* * *

Esclarecemos que as medidas de extensão utilizadas, no século do povoamento dos nossos sertões, correspondiam às seguintes relações com o Sistema Métrico Decimal ora em vigor:

— A légua de sesmaria	= 2.400 braças	= 5.280 m
— A braça craveira	= 10 palmos	= 2,20 m
— O palmo craveiro	= 8 polegadas	= 22,0 cm
— A polegada		= 2,75 cm

* * *

Nº 306 em 13 de NOVEMBRO de 1742

Caetano Dantas Correia e Gregório José Dantas Correia, moradores na ribeira das Piranhas dizem que elles teem seos gados vaccuns e cavallares e não teem terras que lhes bastem em que as possam accomodar e crear e porque entre as serras de Borborema, da parte do nascente, a serra do Muçetú e pela do poente a serra chamada Que Cóiú na lingua do gentio, tem descoberto a custa de suas fazendas terras devolutas com dous olhos d'água, um chamado Cuié Huovuci na lingua do dito gentio, os quaes vertem e correm por dous riachos até a dita serra do poente chamado Que Cóiú, aguas vertentes ao rio Seridó, na qual terra podem os ditos accomodar com tres leguas de terra de comprido e uma de largo ou tres de largo e uma de comprido servindo-lhes de testada a dita serra Que Cóiú, pegando do olho d'agua chamado Que Cóiú buscando o olho d'agua Huovuci, ou para onde melhor conta lhe fiser e da sorte que as quizerem fazendo do comprimento largura ou da largura comprimento, ou o que melhor parecer de sorte que sempre na medição fique de dentro a dita terra e os ditos dous olhos d'agua para se poderem situar com seos gados cazas e curraes, sendo-lhes concedida por titulo de data de sesmaria; e pedia que lhes fossem dados as ditas tres leguas de comprido da maneira que as pedem e confrontam mandando-se lhe passar a carta. Foi feita a concessão, no governo de Pedro Monteiro de Macedo.

Nº 434 em 25 de SETEMBRO de 1754

Capitão Gregório José Dantas Correia e o Capitão-mór Caetano Dantas Correia dizem que entre a serra de Borborema da parte do nascente, serra do Mumtú que vem do es-

treito e pela parte do poente as serras Quencojú, pela lingua do gentio, que partem com terras do capitão Geraldo Ferreira, possuem elles supplicantes uma sorte de terras de tres leguas de comprido e uma de largo que lhes foi concedida por sesmaria, a qual têm cultivado a despesa ha mais de dez anos e porque elles supplicantes têm povoado mais terras a querem haver por nova data de sobras pegando com a medição dellas da testada delles supplicantes com tres leguas de comprido e uma de largo, ou tres de largo e uma de comprido, correndo o rumo no andar e correspondencia das ditas terras e terras delles supplicantes, ou para onde melhor convierem às aguas e conta lhe tiver, e a quizerem, e querendo fazer salto com uma legua ou legua e meia para outro lado ou testada delles supplicantes o possam fazer, diminuindo a que tomarem de mais na parte contraria para melhor se poderem accomodar e crear seos gados; sendo-lhes concedida por data de sesmaria em nome de S. M. as ditas tres leguas de comprido e uma de largo assim como as pedem e confrontam, na dita parte. Foi feita a concessão, no governo de Luiz Antonio de Lemos Brito.

Nº 720 em 6 de NOVEMBRO de 1776

Coronel Caetano Dantas Correia diz que possui uma sorte de terras no riacho chamado Carnauba de que está de mansa e pacifica posse, e poras fraldas das ditas terras haver sobra, a quer o supplicante por nova data com tres leguas de comprido e uma de largo, pegando no olho d'agua chamado Bico ou donde mais conviente for. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro.

Nº 750 em 30 de AGOSTO de 1778

Coronel Caetano Dantas Correia, diz que possui um sitio de gados chamado Riacho Fundo, cabeceira do riacho da Carnauba, de que também é senhor, cujo sitio Riacho Fundo houve por compra, e para melhor titulo de sua posse quer por sesmaria tres leguas de terra de comprido e uma de largo nas cabeceiras de suas referidas terras, pegando das suas mesmas testadas, onde melhor convier. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro.

Nº 821 em 31 de OUTUBRO de 1784

Caetano Dantas Correia diz que necessita de terras para gados e porque na serra do Coité se acham terras devo-

lutas junto ao sitio do Olho d'Agua do Coité, que tirou por data seu antigo possuidor Luiz Quaresma Dourado, quer por sesmaria tres leguas de sobras do mesmo sitio e uma de largo, fazendo peão na lagôa do Coité. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro.

Nº 855 em 30 de NOVEMBRO de 1786

Caetano Dantas Correia diz que carecia de terras para plantar e descobriu que na serra do sitio Coité tem tirado por data Luiz Quaresma Dourado tres leguas de comprido e uma de largo, por data, a que chamão sitio da Cruz ao pé da qual tem sobras que confrontam pelo norte com terras do Reverendo Padre Francisco Xavier de Viveiros, pelo poente com terras do capitão José Francisco Pimenta, pelo sul com terras do Coronel Caetano Dantas Correia e pelo nascente com terras do capitão José Lopes e outros mais, e pretende por sesmaria com tres leguas de comprido e uma de largo, que pede lhe seja concedida. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello e Castro.

Nº 897 em 12 de FEVEREIRO de 1788

Caetano Dantas Correia diz que carece de terras para seos gados e plantações, e porque se acham terras devolutas no riacho Carnaúba, junto ao sitio da serra Rajada, Carnaúba e que tirou por data seu ante possuidor Luiz Quaresma Dourado, quer por sesmaria tres leguas de sobras entre os mesmos sitios. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro.

A FAMÍLIA DO GENEARCA CAETANO DANTAS CORREIA

— Olavo de Medeiros Filho —

“Tornarei tua posteridade tão numerosa como o pó da terra; se alguém contar os grãos do pó da terra, então poderá contar a tua posteridade.” (Genesis 13, 16).

* * *

Segundo notas em poder de seus descendentes, Caetano Dantas era filho do casal José Dantas Correia e Isabel da Rocha Meireles.

José Dantas Correia era natural da Vila de Barcelos, no Minho, Arcebispado de Braga, no Reino de Portugal. Isabel era paraibana, filha de Manoel Vaz Varejão, de quem faz referência a obra de Lyra Tavares, Apontamentos para a História Territorial da Paraíba, apontando-o como requerente das Sesmarias de Nºs. 159 e 176, de 20 de março de 1719 e 16 de janeiro de 1721, localizadas nos sertões de Piranhas e Espinharas, respectivamente.

Nosso biografado veio ao mundo no ano de 1710, sendo natural da freguezia de Nossa Senhora das Neves da Paraíba.

Em “Breve Notícia da Capitania da Paraíba”, escrita em 1774, o Governador e Capitão-General José César de Menezes descreve a “Freguezia da Capitania da Parahyba da Senhora das Neves”:

"Tem esta freguezia de costa nove legoas e quatorze de comprido e nove de largo confina ao poente com o de Taipá; ao sul com a villa do Conde, e ao norte com a de Manganape (...)"

Internando-se no sertão de Piranhas, na idade de dezesete anos, em companhia do seu irmão mais velho, Antônio Dantas Correia, Caetano residiu naquela ribeira pelo espaço de vinte e cinco anos.

Em 1752 estabeleceu-se na região do Acari, no Seridó. No ano seguinte, já casado, passou a residir, propriamente, na sua fazenda Picos de Cima, à margem do rio Acauã, a uma distância de umas duas léguas da capela do Acari.

Edificou, próxima ao rio Acauã, à beira de uma lagõa então existente, a sua casa de morada, descrita no seu inventário como "humma morada de caza terria de Taipa coberta de Telha no Lugar dos Picos de Cima Ribeira do Sirido com nove portas e humma janela e sete feixaduras". Mantinha, também, "uma morada de caza terria no sitio do Acari, com tres portas e feixaduras". O sitio do Acari, referido no Inventário, era o local onde já fôra construída a capela de Manoel Esteves de Andrade, atual cidade do Acari.

E foi na rústica casa dos Picos de Cima, que vieram à luz os filhos do patriarca Caetano Dantas Correia, casado que foi com Dona Josefa de Araújo Pereira.

* * *

Manoel Antônio Dantas Correia, em documento de sua autoria, informa terem sido gerados do matrimônio dos seus pais (Caetano Dantas e Josefa de Araújo), nove filhas e dez filhos, totalizando dezenove rebentos, dois dos quais falecidos em tenra idade. No inventário de Caetano Dantas, processado no ano de 1798, somente constam como herdeiros quinze filhos, sendo oito do sexo masculino e sete do feminino. Simplesmente, o inventário omite os nomes de dois filhos do patriarca, ANTÔNIO DANTAS CORREIA e CLEMENCIA DANTAS PEREIRA, nomes que constam de todas as relações genealógicas existentes.

Trataram da genealogia de Caetano Dantas, os autores José Augusto Bezerra de Medeiros, em "Famílias Seridoenses"; Sebastião de Azevedo Bastos, em "No Roteiro dos Azevedo e Outras Famílias do Nordeste"; Trajano Pires dos Nóbrega, em "A Família Nóbrega"; além de manuscritos deixados pelo seu filho Manoel Antônio; pelo Desembargador Phelippe Guerra; e pelo descendente José Alberto Dantas.

FILHOS DO CASAL CAETANO DANTAS CORREIA E JOSEFA DE ARAÚJO PEREIRA

- 1 — MICAÉLA DANTAS PEREIRA — foi casada com o capitão ANTÔNIO DE AZEVEDO MAIA JÚNIOR, filho de Antônio de Azevedo Maia e Josefa Maria de Almeida. O casal residia em sua fazenda Conceição, origem da atual cidade de Jardim do Seridó. Tiveram seis filhos e oito filhas.
- 2 — FRANCISCA XAVIER DANTAS — casada com o Capitão JOÃO CRISÓSTOMO DE MEDEIROS, filho de Sebastião de Medeiros e Antonia de Moraes Valcacer. Residiram na fazenda Jardim, no Acari. Houve cinco filhos e sete filhas.
- 3 — CAETANO DANTAS CORREIA (2º) — casado com LUZIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO, filha de Sebastião de Medeiros e Antônia de Moraes Valcacer. Residiu o casal na fazenda Carnaúba, localizada a sua habitação a um quilômetro da atual cidade de Carnaúba dos Dantas. Em segundas núpcias, Caetano casou-se com MARIA DA PAZ DO NASCIMENTO, filha de Antônio José de Barros, do sitio Várzea, no Picuí, Paraíba. Dos dois matrimônios, houve nove filhos e nove filhas.
- 4 — SIMPLÍCIO FRANCISCO DANTAS CORREIA — casado com MANOELA DORNELES DE BITTEN-COURT, filha do casal Antônio Garcia de Sá Barroso e Ana Lins de Vasconcelos. Em segundo matrimônio, com sua sobrinha ANA FRANCISCA DE MEDEIROS, filha do casal João Crisóstomo de Medeiros e Francisca Xavier Dantas. Finalmente, em terceiras núpcias, com RITA FERREIRA, filha de José Ferreira de Padil-

lha e Joana Lins de Vasconcelos. Simplicio habitou na fazenda Xique-Xique, em atual território de Carnaúba dos Dantas.

- 5 — **MARIA DOS SANTOS DANTAS** — que contraiu matrimônio com o Capitão-Mór **FRANCISCO GOMES DA SILVA**, natural de Ipojuca, Pernambuco, e filho de Teobaldo da Silva. Habitou o casal na sua fazenda Flores, no Acari, tendo nascido quatro filhos e sete filhas do consórcio.
- 6 — **ANA DANTAS PEREIRA** — que foi casada com o pernambucano **ANTÔNIO TOMAZ DE AZEVEDO**. Moradores na fazenda Cacimba do Meio, no Acari. Houve um único filho do casal.
- 7 — **ISABEL DA ROCHA MEIRELES** — que reproduzia o nome da sua avó paterna. Já era falecida à época do inventário do seu pai. Casou-se com **JOÃO FELIPE DA SILVA**, natural de Timbaúba, Pernambuco, e filho de João Damasceno Ribeiro. Houve um único filho do casal.
- 8 — **MANOEL ANTÔNIO DANTAS CORREIA** — que foi casado com Maria José de Medeiros (2a.), filha do casal Manoel Alves da Nóbrega e Maria José de Medeiros. Habitaram em sua fazenda Cajueiro, no Acari. Foram pais de sete filhos e quatro filhas.
- 9 — **MAXIMIANA DANTAS PEREIRA** — casada com **LUIZ JOAQUIM DE SANTANA**, já falecido por ocasião do inventário do sogro, em 1798. Nasceram do casal dois filhos e uma filha. Moraram na sua fazenda Jardim, no Acari.
- 10 — **SILVESTRE DANTAS CORREIA** — que contraiu matrimônio com **MARGARIDA MARIA DE JESUS**, filha de João Damasceno Pereira e Maria dos Santos de Medeiros. Residiram na fazenda Cachoeira da Cruz, no Acari, e em Pedra D'Água do Azedo, local onde se ergue a cidade paraibana de Frei Martinho (ex-Gerimu). Do casal, seis filhos e três filhas.

- 11 — **ALEXANDRE DANTAS CORREIA** — que se casou com sua sobrinha **JOANA FRANCISCA DE SÃO JOSÉ**, raptando-a, filha do casal Francisco Gomes da Silva e Maria dos Santos Dantas. Em 1798, por ocasião do inventário do pai, era solteiro. Tinha o apelido de "O velho Azeite"... Morou na fazenda Ermo, no Acari, atualmente território do Município de Carnaúba dos Dantas. Do casal nasceram seis filhas.
- 12 — **FÉLIX DANTAS CORREIA** — também solteiro, por ocasião do inventário do Cel. Caetano Dantas Correia. Alguns genealogistas confundem-no com o seu sobrinho Félix José Dantas, citando-o como tendo esposado uma irmã do Visitador e Senador Guerra. Morou nos Picos de Cima, no Acari: Casado, sem filhos.
- 13 — **GREGÓRIO JOSÉ DANTAS CORREIA** — que reproduzia o nome de um seu tio paterno. Era órfão, em 1798. Casou-se com **TEREZA DE JESUS MARIA**, filha de Antônio de Medeiros Rocha e Maria Francisca do Sacramento. Morou o casal nos Picos de Cima, no Acari, tendo gerado cinco filhos e três filhas.
- 14 — **JOSÉ ANTÔNIO DANTAS CORREIA** — órfão, quando ocorreu o inventário do seu pai. A tradição aponta-o como tendo falecido solteiro.
- 15 — **JOSEFA DE ARAÚJO PEREIRA** — que reproduzia o nome materno. Parece ter nascido no mesmo ano do seu irmão Manoel Antônio. Talvez tenham sido gêmeos. Solteira, em 1798. Consorciou-se, posteriormente, com **JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS**.
- 16 — **ANTÔNIO DANTAS CORREIA** — que reproduzia o nome de um tio paterno. Velhos manuscritos denominam-no de Antônio Dantas Correia, do Mendonça. NÃO FOI INCLUIDO ENTRE OS HERDEIROS DO CORONEL CAETANO DANTAS, por ocasião do inventário do mesmo. Casado com **JOANA**, filha de **ROSA DANTAS** e neta materna de Gregório José Dantas Correia e Joana de Araújo Pereira. Morou o casal na fazenda Mojedo, tendo gerado dois filhos e uma filha.

- 17 — CLEMÊNCIA DANTAS PEREIRA, que também foi excluída do inventário paterno, em virtude de já ser falecida, sem descendência. Phelippe Guerra e José Alberto Dantas consideram-na casada com ANASTÁCIO ALVES DA NÓBREGA, filho do casal Manoel Alves da Nóbrega e Maria José de Medeiros (Versão verdadeira). O Dr. Trajano Pires da Nóbrega aponta Clemência como tendo sido esposa de Antônio Alves da Nóbrega, irmão daquele Anastácio, versão essa infundada.

* * *

Clementino Camboim, estudioso caicoense, já falecido, refere-se a um outro filho do Coronel Caetano Dantas: JOSÉ DANTAS CORREIA SOBRINHO, que teria sido casado com MARIA CRISTINA DA SILVA.

* * *

A respeito dos irmãos de Caetano Dantas Correia, filhos de José Dantas Correia e Isabel da Rocha Meireles, tem-se certeza dos seguintes:

- 1 — ANTÔNIO DANTAS CORREIA, filho mais velho do casal. Fundou importante fazenda de criação de gado, na ribeira de Piranhas. Trouxe em sua companhia, em 1727, o seu irmão Caetano. Informam notas deixadas por descendentes de Caetano, que Antônio retornou ao Recife, tendo seguido a carreira militar. Foi ajudante de ordens do então Governador da Capitania, com cuja filha casou, em 1739.

Na Nobiliarquia Pernambucana, de Borges da Fonseca, 1º Volume, página 79, lê-se:

"D. Mariana Monteiro da Silva, que casou em Olinda com o Capitão de Ordenanças Antonio Dantas Correia, Senhor do Engenho Frágoso."

Na História Territorial da Paraíba, aparece Antônio Dantas Correia requerendo sesmaria naquela Capitania, registrada sob o número 639, de 20 de agosto de 1767.

Dos filhos do casal Antônio-Mariana, guarda-se referência, apenas, a um, JOÃO ELIAS DANTAS, que foi pai de um filho chamado NORONHA.

- 2 — JOSÉ DANTAS CORREIA (2º) — que casou-se, no Teixeira, com TEREZA DE GÓIS E VASCONCELOS, filha do casal Lourenço de Góis e Vasconcelos, Joana de Góis e Vasconcelos. Do casal José e Tereza descendem os DANTAS, DO TEIXEIRA, através do único filho do casal, o Alfêres ANTÔNIO DANTAS CORREIA DE GÓIS. Este consorciou-se com JOSEFA FRANCISCO DE ARAÚJO, natural da freguesia de Nossa Senhora dos Milagres de São João do Cariri, na Paraíba, de cujo casal provieram:

- 2.1.1. — José Dantas Correia de Góis, que consorciou-se com Maria Isabel dos Passos, filha do Cap. Manoel Pereira Monteiro, de Serra Negra — (RN).
- 2.1.2. — Lourenço Dantas Correia de Góis, que foi casado com Senhorinha dos Passos, irmã de Maria Isabel, acima citada.
- 2.1.3. — Antônio Dantas Correia de Góis — Ordenou-se sacerdote. Vigário de Patos, nos anos de 1828/1852.
- 2.1.4. — Inácio Dantas Correia de Góis, falecido solteiro.

- 3 — FRUTUOSO DANTAS CORREIA, que foi casado com ANA MARIA DE CARVALHO, de Pombal, Paraíba. Residiram na ribeira de Piranhas.

Segundo velhas notas deixadas por descendente de Caetano, de Frutuoso provieram as famílias Peixoto e os "Bebe-Água" (sic).

- 4 — GREGÓRIO JOSÉ DANTAS CORREIA, que foi casado com JOANA DE ARAÚJO PEREIRA, filha do português Tomaz de Araújo Pereira e Maria da Conceição de Mendonça. Gregório foi Sargento-Mor e parece ter

residido no Município norte riograndense de São José de Mipibu. Em 1760 teve início o seu inventário, processado na Capital do Estado e arquivado, atualmente, no 1º Cartório da Comarca do Acari.

Do casal houve os seguintes filhos, dos quais dá abundantes referências aquele inventário:

- 4.1. — ALBINO, nascido em 1752.
- 4.2. — ROSA, nascida em 1754.
- 4.3. — GREGÓRIO, em 1758.

Com o falecimento do seu marido Gregório, Joana de Araújo contraiu segundas núpcias com ESTEVÃO ALVES BEZERRA, habitando o casal em São José de Mipibu, ignorando-se se deixou descendência. No inventário de Gregório, faz-se referência a ter sido o mesmo proprietário de terras na serra da Borborema e no riacho Carnaúba.

No aludido documento apresenta-se uma filha natural de Gregório, Ana Maria de Moraes, casada com Joaquim José Pereira, morador no "Certão de Piranhas".

* * *

Na sequência dos filhos de José Dantas Correia e Isabel da Rocha Meireles, Caetano ficava colocado, segundo a tradição, entre os seus irmãos Frutuoso e Gregório José Dantas Correia.